

APRENDER A SER PROFESSOR

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional
apresentado à Faculdade de Desporto
da Universidade do Porto com vista à
obtenção do 2º ciclo de Estudos
Conducente ao grau de Mestre em
Ensino de Educação Física nos
Ensinos Básico e Secundário
(Decreto-lei n.º74/2006 de 24 de março
e o Decreto-lei n.º 43/2007 de 22 de
fevereiro).

Orientador: Professor Amândio Graça

Rui Miguel Fão Pinto

Porto, setembro de 2018

Ficha de Catalogação

Pinto, R. M. F. (2018) Relatório de Estágio Profissional. Porto. Relatório de Estágio Profissionalizante para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Palavras-Chave: ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA; ENSINO-APRENDIZAGEM; ATITUDE DOS ALUNOS

DEDICATÓRIA

Aos meus Pais, aos meus Avós e ao meu Irmão.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, irmão e AVÓS por todo o apoio incondicional e por todos os sacrifícios que fizeram para me poder proporcionar a melhor formação académica e pessoal. Sem dúvida que sem vocês não seria possível terminar esta etapa tão importante da minha vida. Em particular à minha SUPER MÃE que nem tem palavras para a descrever, foi sem dúvida alguma o maior e mais importante pilar.

Á Margarida, uma amiga, companheira e namorada. Obrigado por todo o apoio.

Á Inês, obrigado por toda ajuda e apoio na fase final desta etapa.

Aos meus colegas de turma, Gil, Bino e Diogo por todos os momentos que passamos juntos e por tudo o que me apoiaram nos momentos mais complicados.

Ao meu orientador, Professor Amândio Graça, pelo apoio ao longo desta etapa, pelos conselhos muitíssimo importantes que me transmitiu, pela partilha de experiências e por contribuir em tudo para que fosse possível.

À professora cooperante, Professor Helena Abrunhosa, pelos conselhos, pelos ensinamentos e pela liberdade que me deu ao longo do meu Estágio Profissional.

Ao meu colega Diogo, um agradecimento especial pelo grupo de Núcleo de Estágio que construímos, fomos poucos, mas bons.

Aos meus alunos, levo um bocado de cada um de vocês comigo.

Á Escola Pero Vaz de Caminha, pela forma como me recebeu e tratou ao longo de todo o ano letivo.

Obrigado a todos que de alguma forma contribuíram para que isto tudo fosse possível.

ÍNDICE GERAL

Dedicatória	III
Agradecimentos	V
Índice Geral.....	VII
Índice de Figuras e Gráficos.....	XI
Índice de Anexos.....	XIII
Resumo	XV
Abstract	XVII
Abreviaturas	XIX
Introdução	1
Dimensão Pessoal	3
Apresentação do Estagiário	3
Expectativas em relação ao estágio profissional.....	5
Contexto da Prática Profissional	9
Enquadramento legal e Institucional do Estágio Profissional	9
Entendimento do Estágio Profissional.....	10
Apresentação da Escola	12
Grupo de Educação Física.....	15
Caracterização da turma residente	16
Realização da prática profissional	19
Área 1 – Organização e gestão do ensino e da aprendizagem	19
Conceção: o ponto de partida para o planeamento.....	19
Planeamento	21
Planeamento Anual	22
Plano de Unidade Didática.....	23

Planos de aula.....	25
Realização.....	27
Controlo de turma.....	27
A implementação de Regras e Rotinas	28
Organização e Gestão do tempo de aula, um desafio... ..	30
Instrução e Feedback Pedagógico	33
Modelos de Ensino.....	37
Observação do Ensino e Avaliação da Aprendizagem.....	39
Observação do Ensino	39
Avaliação.....	41
Área 2 – Participação na Escola e Relação com a comunidade.	45
Atividades não letivas.....	45
Corta Mato e Mega Sprint	46
Dia da Sapatilha.....	47
“Arbitragem no Bairro”, um projeto apoiado pela APAF e pela FPF.....	48
Viagem de Finalistas a Madrid com a turma do 9ºA.....	49
Visita de estudo ao parque aquático de Amarante.....	51
Área 3- Desenvolvimento Profissional	53
Estudo Investigação: Atitudes dos Alunos face à disciplina de Educação Física	53
Introdução	53
Objetivos do Estudo	54
Metodologia.....	55
Adaptação do questionário.....	56
Apresentação dos Resultados.....	57
Dados Demográficos.....	57

Contributos desejados da Educação Física	61
Contributos percebidos da Educação Física	63
Fatores de agradabilidade nas aulas de Educação Física	66
Fatores de desagradabilidade nas aulas de Educação Física	69
Atividade preferida	71
Atividade menos agradável	72
Nível de importância atribuído à EF	73
Se a disciplina de Educação Física fosse opcional	74
Importância da Educação Física relativamente às outras disciplinas.....	75
Preferência da Educação Física relativamente às outras disciplinas	76
Atitudes e valores sociais e pessoais fomentados nas aulas de EF	78
Importância das diferentes áreas de matéria da Educação Física	79
Discussão dos Resultados	80
Conclusões do estudo	88
Conclusão e Perspetivas Futuras.....	91
Referências Bibliográficas	93
Anexos	XXI
Anexo 1 - Inquérito	XXI
Anexo 2- Planeamento Anual da Turma	XXV
Anexo 3- Plano de aula	XXVII
Anexo 4- Cartaz Desporto Escolar	XXIX

ÍNDICE DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 Pavilhão Polidesportivo	12
Figura 2: Fotos da atividade “Dia da Sapatilha”	47
Figura 3: Fotos da atividade “Arbitragem no Bairro”	48
Figura 4: Foto da Viagem de Finalistas a Madrid	50
Figura 5: Foto dos alunos no escorrega - Parque Aquático de Amarante	51
Gráfico 1: Distribuição da amostra por Nível de Escolaridade	57
Gráfico 2: Distribuição da amostra por sexo	58
Gráfico 3: Distribuição da amostra por idades.....	58
Gráfico 4: Pertence a alguma equipa do Desporto Escolar.....	59
Gráfico 5: Desportos que pratica ou praticou	60
Gráfico 6: Idealmente penso que a Educação Física deveria	61
Gráfico 7: De facto, as minhas aulas de EF contribuíram para	64
Gráfico 8: Aquilo que me agrada nas aulas de Educação Física	66
Gráfico 9: Aquilo que me desagrada nas aulas de Educação Física	69
Gráfico 10: qual a atividade que mais lhe agradou nas aulas de Educação Física.....	72
Gráfico 11: Qual a atividade que mais lhe desagradou nas aulas de Educação Física.....	73
Gráfico 12: Qual a importância da EF na sua formação a nível do ensino básico	74
Gráfico 13: Escolheria as aulas de Educação Física se esta fosse de carácter opcional	74
Gráfico 14: Importância da Educação Física relativamente às outras disciplinas.....	75
Gráfico 15: Grau de preferência da EF em relação às outras disciplinas.....	77
Gráfico 16: Atitudes e valores sociais e pessoais fomentados nas aulas de EF na opinião dos alunos	79
Gráfico 17: Áreas de Matéria da Educação Física de maior e de Menor Importância na opinião dos alunos.....	80

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1- Inquérito	XXI
Anexo 2- Planeamento Anual da Turma	XXV
Anexo 3- Plano de aula	XXVII
Anexo 4- Cartaz Desporto Escolar	XXIX

RESUMO

Este relatório reflete todo o percurso realizado ao longo do ano letivo 17-18 numa escola cooperante, na cidade do Porto. Tendo consciência de que o estágio profissional se configura como um momento importante de aproximação do futuro profissional docente ao mundo da escola, às suas práticas pedagógicas e aos principais protagonistas (professores, alunos e pais), foi meu propósito um comprometimento empenhado em todas as frentes da prática de estágio supervisionada. A formação académica, as experiências vivenciadas, assim como todo o contexto socio afetivo, contribuíram para a minha opção pela profissão de professor. Este ciclo de vida que agora se conclui foi da maior importância para mim, e termino-o com a certeza de que era esta a experiência que queria ter. Com motivação, empenho e trabalho colaborativo fui superando as minhas dificuldades e num olhar retrospectivo, considero que este foi o tempo em que aprendi mais do que aquilo que ensinei. Na área 1 confrontei-me com os requisitos do planeamento, da avaliação e da realização do ensino. Foram grandes os desafios que me foram surgindo ao longo do ano, bem como as dificuldades que senti e as estratégias que procurei para as ultrapassar. Na área 2 preocupei-me com a participação na escola e a relação com a comunidade. Em todas as atividades previstas no Plano Anual de Atividades, valorizei os momentos de partilha e convívio com alunos, professores e outros membros da comunidade educativa, de forma a obter um conhecimento mais diversificado e complementar do meu papel e das minhas funções enquanto membro desta comunidade. Na área 3, investi na investigação das “Atitudes dos alunos face à disciplina de Educação Física”. Através de uma abordagem analítico-descritiva, com aplicação de um questionário a três turmas do ensino básico foi possível obter um retrato positivo da atribuição de importância e do interesse e dos alunos pela disciplina de educação física e das matérias nela lecionadas.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, ATITUDES DOS ALUNOS FACE À DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, REFLEXÃO.

ABSTRACT

This report reflects a whole school year of internship in a cooperative school in Porto, Portugal. Knowing that this internship has direct consequences in my professional future, making na important aproaching tu the real schools, real pedagogical practices and to it´s protagonists (students and teachers), it was my purpose to hardly commit myself in all the practices of this internship.

In the first parto f this report, I intend to let know the life project I´ve been working. All the experiences and all the social-affective context surely contributes for being a better professional. This life cyvle that I just finished was priceless to me, and I finish it with absolutly sure of my choice of being a teacher. With motivation, commitment and colçabprative work I overcame the difficulties and looking back, in this experience I´m gladly sure that I´ve learned more than I taught.

The “área 1” contains all about the planning skills, the evaluation skills and pedagogical practices skills. It was full of challanges and difficulties, but it was full of stratagies to overcome them too.

In “área 2” I worried about the school and comunity relationship. In all the activities I planned during I tried to value moments of sharing and socializing between students, teachers and other members of the school comunity, complementing my knowledge as a teacher.

In “área 3” I worked on the investigation. The theme was “students attitud towards physical education”. With na analytic-descriptive aproach (quiz), answered by 3 classes, it was possible to get a positive answer about the importance of physical education.

KEY-WORDS: PHYSICAL EDUCATION, PROFESSIONAL INTERNSHIPS, ATTITUDES OF THE STUDENTS TOWARDS PHYSICAL EDUCATION SUBJECT, REFLECTION

ABREVIATURAS

AD- Avaliação Diagnóstica

AS- Avaliação Sumativa

AF- Avaliação Formativa

EE(s)- Estudante(s) Estagiário (s)

EF- Educação Física

EP- Estágio Profissional

FADEUP- Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

FB- Feedback

GEF- Grupo de Educação Física

NE- Núcleo de Estágio

PA- Plano Anual

PE- Projeto Educativo

PC- Professora Cooperante

PO- Professor Orientador

RE- Relatório de Estágio

TEIP- Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

TP- Turma Partilhada

TR- Turma Residente

UC(s)- Unidade(s) Curricular(es)

UD(s)- Unidade(s) Didática(s)

EC- Escola Cooperante

PEE- Projeto Educativo de Escola

MEC- Modelo de Estrutura e Conhecimento

DE- Desporto Escolar

MID- Modelo de Instrução Direta

MED- Modelo de Educação Desportiva

INTRODUÇÃO

O Relatório de estágio (RE) é um documento elaborado no âmbito da unidade curricular (UC) de Estágio Profissional (EP), introduzido no 2º ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

O RE, é o culminar de todo um processo de ensino-aprendizagem que decorreu ao longo do último ano letivo na minha escola cooperante, a Escola Básica Pero Vaz de Caminha, localizada em Paranhos-Porto. Todo este percurso, deve-se ao trabalho colaborativo realizado com o Professor Orientador (PO) Amândio Graça, com a Professora Cooperante (PC) Helena Abrunhosa e com o meu colega Diogo Pereira pertencente ao NE. Este documento, é o relato de todo o meu percurso académico retratado numa perspetiva pessoal.

As tarefas que são exigidas ao EE ao longo do EP, vão muito para além da planificação e realização das aulas. É da responsabilidade do EE avaliar, refletir e procurar respostas para os desafios e as dificuldades que lhe vão surgindo ao longo do EP.

O principal objetivo do EP é a “integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão” (Matos, 2014, p.3)¹.

Segundo Nóvoa (1995, p. 25), “A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma

¹ Matos, Z. (2014). Normas orientadoras do estágio profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino de educação física nos ensinos básicos e secundário da FADEUP.

identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência”.

Durante o meu EP, fui responsável por uma turma do 8ºano, a turma residente, e uma turma do 5ºano, que partilhei com o meu colega do NE. Acresce a esta experiência o contacto com o 1º Ciclo do Ensino Básico, uma turma do 3ºano, num estabelecimento de ensino, deste agrupamento de escolas.

O presente documento, é constituído por capítulos e subcapítulos. A parte inicial destinou-se à introdução, ao enquadramento biográfico, às expectativas e ao entendimento acerca do EP. Na continuidade podemos encontrar o enquadramento de toda a prática profissional, o contexto onde a EC está inserida e enquadramento legal e institucional do EP.

Posteriormente, é apresentada a área 1 (Organização e gestão do ensino e da aprendizagem), neste capítulo da realização profissional, estão inseridos a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação de todo o processo ensino-aprendizagem. Na área 2 (Participação na escola e a relação com a comunidade escolar), está referido o meu envolvimento na escola, participação nos torneios, visitas de estudo e viagem de finalistas. Na área 3 (Desenvolvimento profissional), neste capítulo está inserido o estudo de investigação-ação **“ATITUDES DOS ALUNOS FACE À DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA”**.

DIMENSÃO PESSOAL

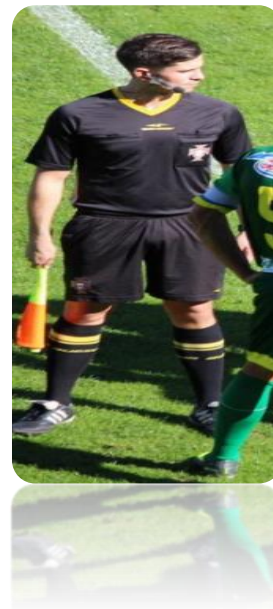
Apresentação do Estagiário

Nome: Rui Miguel Fão Pinto

Idade: 24 Anos

Naturalidade: Caminha (Viana do Castelo)

Sou o Rui, tenho 24 anos e sou natural de uma vila nortenha, Caminha, separada de Espanha pelo Rio Minho. Conhecida pelas suas lindas paisagens, Caminha tem o turismo como atividade principal e apresenta também uma grande diversidade de modalidades desportivas.



Desde criança que sempre estive ligado ao desporto, fazendo as minhas experiências infantis ao nível da natação, andebol, futebol e remo. Sempre tive mais apetência por desportos coletivos, sempre gostei de fazer parte de uma equipa, por isso considero que a prática desportiva deve estar aliada ao espírito de equipa,   coopera o e entreajuda.

Durante toda a minha infância, as brincadeiras e os tempos livres eram maioritariamente ocupados na rua com atividades lúdicas- desportivas em contraste do que acontece atualmente, em que as nossas crianças ocupam os seus tempos com as novas tecnologias. De certo modo, sinto-me um privilegiado, pois entendo que foi através dessas experiências que adquiri hábitos e valores desportivos, da maior importância para o desenvolvimento das crianças e jovens.

No entanto, foi o futebol a minha modalidade de elei o. Pratiquei futebol durante 12 anos, sempre em clubes locais, nos diferentes escalões de forma o. As condi oes materiais nem sempre foram as melhores, contudo esta situa o nunca foi para mim uma barreira ao meu empenho e entusiasmo na prática deste desporto.

Preciso de vos contar uma história. Naqueles anos em que praticava futebol, com cerca de 10, 11 anos de idade, era um jovem bastante irrequieto, e isso fazia-se sentir nos resultados académicos obtidos, não por falta de competências, mas por atitudes e comportamentos nem sempre os mais esperados em contexto sala de aula: conversar, brincar, estar distraído...

Aos 16 anos abandonei a prática do futebol, mas a paixão continuou...foi quando resolvi tirar o curso de Árbitro de Futebol. Dentro de campo, aquela equipa, nunca me tinha despertado grande interesse, mas, mais tarde, fora dele, achei que seria uma boa estratégia para treinar o défice que sentia, ao nível da atenção e concentração.

Curso concluído, formação de equipa e comecei a ver o desporto, e o futebol em particular, de forma bem diferente, em que as regras, comportamentos, o espírito de grupo e o respeito pelo outro, começaram a fazer toda a diferença, num jogo. Durante 6 anos dediquei-me e “vicie-me” nesta atividade de final de semana. Contudo no final da época passada, ponderei a continuidade uma vez que, com o estágio profissional, o ano letivo presente seria de maior trabalho e dedicação e receei não ter o tempo suficiente para desenvolver as duas funções da melhor forma. Ainda que com tristeza, decidi desistir da arbitragem dada a responsabilidade deste novo ciclo da minha vida, ano de estágio na profissão que escolhi. Entretanto, em outubro recebi um convite para integrar uma equipa dos quadros nacionais e aí não consegui dizer que não.

A motivação, tão importante para o processo de ensino aprendizagem dos nossos alunos, foi o fator preponderante para a minha decisão, pois considero que só com motivação é possível desenvolver educação. O aluno sente-se interessado quando a atividade/exercício o leva a conhecer-se melhor, experimentar-se e a afirmar-se quando se consegue superar.

Em termos familiares, vivo com os meus pais (ao fim de semana), nos períodos letivos resido aqui no Porto. Tenho um irmão mais velho que é fisioterapeuta e vive em Lisboa. É das pessoas mais importante da minha vida, e uma das que eu considero ser um bom exemplo para mim, talvez o melhor exemplo que tenho.

Os meus pais vivem e trabalham em Caminha. O meu pai trabalha na construção civil, já a minha mãe é professora. Mantenho uma relação muito saudável com a minha família mais próxima, com a qual partilho momentos de lazer e boa disposição.

Pois bem, acho que já consegui dizer-vos um bocado daquilo que sou...

Expectativas em relação ao estágio profissional

O EP é o culminar de vários anos de estudo, de aprendizagens e vivências que diretamente contribuíram para o nosso desenvolvimento enquanto pessoas e futuros profissionais da educação.

Naturalmente que ao longo deste ano, muitas foram as dificuldades/desafios que encontrei. No primeiro ano de Mestrado, através da prática pedagógica tivemos a possibilidade de trabalhar diretamente com crianças em contexto escolar, o que me permitiu ter uma primeira experiência nesta área, no entanto bem diferente do que viria a ser o EP.

Na minha opinião, é nesta fase que as coisas realmente se tornam imprevisíveis. Como profissional do ensino, terei de ter a capacidade de me adaptar a todas as circunstâncias, terei de conseguir lidar com os problemas individuais de cada aluno, nunca descurando a disparidade de meios sociais em que estes estão inseridos.

A escolha da escola para realizar o EP foi a primeira dificuldade que senti, a falta de conhecimento relativamente aos contextos em que as escolas da cidade do Porto estão inseridas, associada à falta de pesquisa da minha parte demonstrou influenciar negativamente esta fase inicial.

No início do ano letivo confesso que senti muitas dificuldades em adaptar-me. Durante 17 anos, fui tratado como aluno. Durante esse tempo, tive direitos e deveres bem diferentes daqueles que passei a ter durante este ano. O simples

facto de entrar na escola e toda a gente me chamar professor era algo que mexia bastante comigo. É lógico que o orgulho que sentia era bem maior do que todos os receios que me atormentavam. Durante as primeiras semanas era complicado distinguir os momentos em que tinha de adotar um comportamento de aluno dos momentos em que tinha de ser professor.

A simples entrada na escola, durante as primeiras semanas tornou-se num momento de alguma tensão. Nunca tinha imaginado entrar numa escola como professor, sentia-me desprotegido, e com dificuldades de enfrentar esta etapa como deveria. Passado poucos dias, senti necessidade de me adaptar a estas novas situações, senti que tinha de mudar de mentalidade. Na terceira semana, lembro-me perfeitamente que comecei a frequentar mais assiduamente à sala dos professores, um local bastante distinto do resto da escola, mas que viria a ser muito importante para mim. Nas primeiras vezes que lá entrei, confesso que me isolava um bocado dos restantes professores. No decorrer das primeiras semanas, comecei a aproximar-me mais de toda a gente, inclusive, no almoço de professores em que estive presente, conheci um professor que era da minha terra. Sinceramente, acho que foi muito bom conhecê-lo, criamos uma boa amizade e com isto consegui aproximar-me mais dos restantes professores.

As expectativas em relação ao EP, na verdade, foram se alterando à medida que o tempo passava. No início, essas expectativas foram criadas em função daquilo que os meus colegas do ano anterior me transmitiam, as palavras de ordem eram sempre as mesmas, trabalho, sacrifício, vontade de aprender e muita organização. Pois bem, foram estas primeiras impressões que levei comigo para enfrentar esta etapa. A humildade, e a vontade de aprender foram sem dúvida as palavras que melhor me caracterizaram ao longo deste ano. Desde o primeiro dia que entrei naquela escola, sempre me mentalizei que seria um ano repleto de novas experiências muito ricas para mim enquanto futuro professor. E eu tinha uma vontade enorme de aprender com eles, com os professores com os funcionários com os alunos. Sabia que toda a gente tinha coisas para me ensinar, e, claro, tinha também uma vontade enorme de lhes poder transmitir as

minhas ideias, os meus conhecimentos. Tinha como objetivo deixar a minha marca.

No que diz respeito às instalações, as expectativas iniciais não eram as melhores. É do conhecimento de todos, que nem sempre as escolas têm disponíveis condições favoráveis para a criação de um processo de ensino aprendizagem rico. No entanto, essas expectativas rapidamente se alteraram. Fiquei muito satisfeito quando me foram apresentar as instalações desportivas da escola, pavilhão interior em excelentes condições, ginásio que me permitia lecionar aulas de modalidades como a ginástica e a dança, e um campo exterior, cuja utilização estava dependente das condições meteorológicas, e por esse mesmo motivo apenas o considerei para planejar as minhas aulas durante o primeiro período. No que toca aos materiais disponíveis para as aulas, fiquei muito surpreendido, tanto pela diversidade existente como pelo seu estado de conservação. Todos estes fatores tiveram um grande peso no momento da construção do plano anual, uma vez que as condições que me foram disponibilizadas contribuíam para um processo de ensino-aprendizagem muito rico e diversificado.

Relativamente à PC, as expectativas eram muito elevadas. Sempre imaginei uma pessoa carregada de experiência, conhecimento, exigente, acessível, pronta a me ajudar nas situações mais difíceis que me pudessem surgir ao longo do ano. Lembro-me perfeitamente no primeiro ano de mestrado, quando realizei um questionário a professores já com alguns anos de experiência todos eles referiam a importância do PC, não só no ano de estágio como no futuro. Pois bem, tudo o que esperava da minha PC encontrei na professora Helena, sempre pronta ajudar, sem dúvida que foi uma das pessoas mais marcantes deste meu percurso, tornando-se uma peça fundamental no meu crescimento enquanto pessoa e enquanto futuro professor.

Quanto ao PO, sempre imaginei alguém que me ajudasse a percorrer este caminho, carregado de conhecimento e experiências para partilhar comigo, que realizasse um acompanhamento constante, quer ao nível da prática quer ao nível da teoria, alguém aberto ao diálogo e a troca de ideias tão importante nesta fase.

Em relação ao meu colega de NE, as expectativas sempre foram muito elevadas, e confesso que fiquei muito satisfeito. Uma vez que já o conhecia, sempre esperei um ombro amigo, pronto a ajudar em qualquer situação. Já temos uma amizade com alguns anos, sempre o acompanhei neste percurso desde o primeiro ano da licenciatura, e da mesma forma que ele sabe que pode contar comigo para todas as situações, eu tinha a certeza que poderia contar com ele.

Da minha turma, nunca perspetivei nada até os conhecer. Sabia à partida que eram miúdos com alguns problemas, associados em grande parte ao contexto em que estavam inseridos, onde os problemas sociais estavam bem presentes. Sinceramente, foi melhor assim. Na minha opinião, devemos ser nós próprios a conhecer os nossos alunos, a caracterizá-los e nada melhor que o tempo que passamos juntos para o fazer. Ainda que sem grandes expectativas criadas no início do ano, confesso que fiquei muito surpreendido com eles, e confirmei aquilo que pensava, nada melhor que o tempo que passamos juntos para os conhecer.

Em conclusão, considero que as expectativas criadas desde o início foram superadas. Entrei naquela escola com vontade de aprender, e foi essa mesma vontade que me acompanhou durante este percurso, nunca esquecendo o meu objetivo, o de deixar a minha marca, e acho que consegui.

CONTEXTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Enquadramento legal e Institucional do Estágio Profissional

O EP é uma UC que integra o plano de estudos do 2º Ciclo de Estudos em Ensino nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP. O EP está estruturado de acordo com as orientações legais previstas no Decreto-lei nº79/2014 de 14 de maio, que menciona o conjunto de competências que o EE tem de adquirir ao longo da sua formação para obtenção de grau de Mestre em Ensino, indispensável para a prática da docência.

O EP rege-se mais especificamente pelas Normas Orientadores e pelo regulamento da UC do EP.

O EP está dividido em duas partes, prática pedagógica supervisionada, realizada em escolas cooperantes e o RE.

Após aprovação no primeiro ano do ciclo de estudos, os estudantes estagiários, candidatam-se a um lugar num NE da rede de escolas cooperantes, sendo colocados com base nos critérios pré-definidos. Os núcleos de estágio, pode incluir entre 2 a 3 estagiários por escola.

No que diz respeito ao enquadramento do plano formativo, o EP abrange diversas áreas:

Área 1: “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”;

Área 2: “Participação na escola e Relação com a comunidade”;

Área 3: “Desenvolvimento Profissional”;

A Área 1 diz respeito à conceção, ao planeamento, à realização e à avaliação de todo o processo de ensino-aprendizagem.

A Área 2, engloba todas as atividades, sejam elas de cariz letivo ou não letivo realizadas pelos EE. “(...) todas as atividades não letivas realizadas pelo estudante estagiário, tendo em vista a sua integração na comunidade escolar e

que, simultaneamente, contribuam para um melhor conhecimento das condições locais da relação educativa e a exploração da ligação entre a escola e o meio” ²

A Área 3, diz respeito ao desenvolvimento de competências profissionais, área que engloba atividades e vivências importantes na construção da competência profissional do EE.

Tal como nos é referido nas normas orientadoras (2016-2017, p.3), o EP é visto “(...) como um projeto de formação do estudante com a integração do conhecimento proposicional e prático necessário ao professor, numa interpretação atual da relação teoria prática e contextualizando o conhecimento no espaço escolar. O projeto de formação tem como objetivo a formação do professor profissional, promotor de um ensino de qualidade”

Em conclusão, o EP assenta numa formação diversificada, situacional e abrangente em contexto real.

Durante este percurso, é de esperar que o EE realize um processo evolutivo, sustentando em adquirir mais conhecimento e alargar horizontes.

Entendimento do Estágio Profissional

Esta etapa em que decorre o EP foi um dos momentos mais marcantes de toda a minha formação. Toda esta caminhada carregada de novas experiências fez-me crescer como pessoa e como professor.

Apesar de não ter sido a primeira vez que tive contacto com a escola, uma vez que no ano anterior todos os estagiários tiveram a oportunidade viver uma experiência pedagógica em grupo, a verdade é que foi durante o EP, que me deparei com a verdadeira realidade. O cenário desta nova etapa previa-se bem diferente da experiência que tinha vivido o ano passado. Planear e lecionar aulas

² Normas orientadores do Estágio Profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino de Educação Física nos ensinos básicos e secundário da FADEUP

em grupo é bem diferente do que fazê-lo sozinho. Quando somos responsáveis por uma turma, onde as decisões têm de ser tomadas por nós e onde todas as nossas escolhas influenciam as aprendizagens dos nossos alunos, as coisas ficam bem diferentes.

Tal como nos refere Batista e Queirós (2013, p.44), “Durante o Estágio Profissional, o estudante-estagiário tem a oportunidade de transformar os seus conhecimentos, no sentido de os adequar às exigências contextuais e concretas da prática”. É com base nesta ideia, que, na minha opinião o EP é visto como a transferência da teoria para a prática. Contudo, vivencie situações em que a teoria não foi suficiente para dar a resposta mais adequada à prática.

Aquando da lecionação da modalidade de ginástica, os conhecimentos e aprendizagens que eu tinha realizado durante a minha formação académica, não eram suficientes para desenvolver com os alunos todos os conteúdos previstos. Esta situação, obrigou-me, face ao perfil da minha turma, procurar estratégias e metodologias diversificadas com o objetivo de motivando e envolvendo os alunos, desenvolver competências específicas na modalidade de Ginástica. Não devemos negligenciar, nos estudos teóricos, que os fatores contextuais da escola, muitas vezes se afiguram como barreiras, mas outras há em que são facilitadores significativos. O exemplo desta situação, foi a atividade “arbitragem no bairro”, que promovi em articulação com a Federação Portuguesa de Futebol. Esta atividade teve um impacto maior, uma vez que a modalidade de Futebol é uma das preferidas por estes alunos, isto pode também estar associado ao contexto social em que a escola esta inserida.

Pimenta (2005, p.70) refere-nos que “a finalidade do Estágio Profissional é proporcionar que o aluno tenha uma aproximação à realidade na qual irá atuar. Portanto, não deve colocar o estágio como polo prático do curso, mas como uma aproximação à prática, na medida em que será consequente à teoria estudada no curso, que, por sua vez, deverá constituir-se numa reflexão sobre e a partir da realidade da escola”. O acesso à realidade que o autor nos refere, permite-nos conhecer novos contextos escolares, permite-nos abrir horizontes e prepara-nos, sem dúvida alguma, dada a sua diversidade, para experiências futuras.

O EP permite ao EE trabalhar com diferentes níveis de ensino, obrigando o a adotar diferentes posturas, de acordo com o contexto em que está a lecionar.

“O período de iniciação ao ensino representa o ritual que há-de permitir transmitir a cultura do professor iniciante (conhecimentos, modelos, valores e símbolos da profissão), a integração da cultura na personalidade do próprio professor, assim como a adaptação do mesmo ao entorno social em que desenvolve a sua atividade docente. (...) É um período de tensões e aprendizagens intensivas em contextos geralmente desconhecidos e durante o qual professores iniciantes devem adquirir conhecimento profissional além de assegurar um certo equilíbrio pessoal” (Garcia, 1999, p.30).

Em conclusão, esta etapa da formação académica de um estudante é o culminar da ligação entre a teoria e a prática, onde “a teoria é uma prática pensada, imaginada e refletida, e (em) que a prática é uma teoria ou conjunto de conhecimentos à vista, numa prática culminante no horizonte da teoria” (Bento, 1995, p.51).

Apresentação da Escola

A Escola Pêro Vaz de Caminha, situada na Rua da Telheira perto do Bairro de São Tomé, nasceu no ano de 1970.

Nesta fase inicial, a escola não dispunha de instalações próprias, o que levou a utilização de duas casas particulares, uma localizada na Rua do Rosário e outra na Rua Nossa Senhora de Fátima, tal como ocorria nas restantes escolas desta altura, havia instalações destinadas a rapazes e instalações destinadas a raparigas. Foi nestas condições que o ensino decorreu durante dezassete anos.



Figura 1 Pavilhão Polidesportivo

Só em meados do ano de 1987, esta instituição se transferiu para o local onde ainda hoje está.

Neste momento, a escola faz parte de um agrupamento que é composto por quatro estabelecimentos de ensino, dos quais um é do 2º e 3º ciclo e três do 1º ciclo, com Jardins de Infância, sendo eles: Escola Básica Pêro Vaz de Caminha, EB1/JI da Agra, EB1/JI S. Tomé e EB1/JI dos Miosóti.

Atualmente, a escola dispõe de diversas zonas distintas, constituídas por 4 blocos, um espaço exterior de recreio com campo de jogos.

No ano de 2002, a escola sofre alterações das suas infraestruturas, nomeadamente a construção de um pavilhão gimnodesportivo, dividido em um pavilhão interior, um ginásio, uma sala destinada aos professores de EF, um armazém de material disponível para as aulas, bancada e dois balneários.

No que diz respeito ao material disponível para as aulas, a escola dispõe de um sem número de materiais, maior parte deles em bom estado de conservação o que nos possibilita a utilização de tudo para as mais variadas modalidades.

No que confere ao papel do pessoal não docente, a instituição sofre de um problema que esta presente na maioria das escolas, onde o número de funcionários nem sempre é o suficiente para o normal funcionamento da instituição. No entanto, na escola Pero Vaz de Caminha, dada a entrega e dedicação de todos, funcionários, professores e alunos, obstáculos mais problemáticos raramente se fazem sentir. Mais especificamente nas instalações desportivas da escola, estão permanentemente dois funcionários que contribuem para o bom funcionamento do espaço, sempre disponíveis para nos ajudar nas mais diversas situações. De salientar a disponibilidade que sempre demonstraram para nos organizar/preparar todo o material que necessitamos para as aulas. Na minha opinião, as diversificadas funções do pessoal não docente têm um papel muito importante dentro da comunidade escolar como por exemplo: proporcionar atividades de animação às crianças, zelar pela segurança das crianças no receio/estabelecimento de ensino, observar comportamentos

das crianças, conservar o material e equipamentos didáticos, assegurar a manutenção das condições de higiene e salubridade dos espaços entre outros.

A EC está inserida na rede de escolas abrangidas pelo programa TEIP, que surgiu no ano de 1996. Este programa, criado pelo Ministério da Educação, abrange instituições educativas inseridas em contextos sociais debilitados. Grande parte dos nossos alunos pertence a agregados familiares destruturados, com dificuldades económicas. Este programa surge com o objetivo de transmitir valor/educação aos nossos alunos, combater a indisciplina e o insucesso escolar.

No que diz respeito às ofertas educativas presentes nesta instituição, é de referir a unidade de multideficiência presente na escola que acolhe muitos alunos com deficiências.

Os órgãos de gestão desta instituição educativa estão organizados da seguinte forma: O diretor, o Conselho Administrativo, o Conselho Geral e o Conselho Pedagógico. Tal como acontece noutras escolas, o órgão máximo é o Conselho Geral liderado pelo presidente.

A disciplina de EF esta inserida no departamento de expressões, possui um regulamento próprio que tem como objetivo definir as regras que os alunos devem ter em contexto de aula bem como dentro das instalações desportivas.

A nível de organização de espaços, a escola é composta por quatro blocos e um pavilhão gimnodesportivo que é composto por um ginásio, um campo de jogos exterior e um átrio.

Na minha opinião, a escola proporciona condições aos seus alunos, tanto ao nível de infraestruturas como a nível material e corpo docente que contribuam para um processo de ensino aprendizagem contextualizado e eficaz.

Grupo de Educação Física

Pertencer a um GEF, pareceu-me desde o início, uma experiência muito enriquecedora e motivante.

Este grupo, pertencente ao departamento de expressões, é constituído por 7 professores, sendo dois deles estagiários. As reuniões que tivemos ao longo do ano, tinham como objetivo discutir e definir aspetos importantes relacionados com o nosso trabalho, no que diz respeito a atividades letivas e não letivas.

Todas as atividades criadas ao longo do ano pelo GEF foram planeadas minuciosamente nas reuniões que tivemos, onde tive o prazer de participar, dando sempre que necessário a minha opinião, o que contribuiu significativamente para desenvolver a minha identidade enquanto professor. O facto de me darem possibilidade de falar nas reuniões, e de acreditarem nas minhas competências, partilhando sempre que possível as minhas ideias, ajudou-me a dissociar o papel do aluno para professor.

O facto de nos reunirmos regularmente, facilitou bastante a minha integração dentro do grupo, permitiu-me partilhar experiências, receber conselhos, ouvir histórias dos professores com mais experiência, em suma, o facto de poder ter integrado este grupo foi muito positivo para mim enquanto futuro professor, não só pelas experiências e conhecimentos que arrecadei, como pelo acréscimo de conhecimento relativamente às burocracias relacionadas com a organização destas atividades.

Na minha opinião, o ano letivo ficou marcado pelo profissionalismo que este grupo demonstrou, os professores trabalharam afincadamente em prol da qualidade de ensino daqueles alunos, proporcionando-lhes novas experiências, promovendo o desporto e a escola e melhorando a qualidade do ensino.

Caracterização da turma residente

“Os meus meninos”

“Para educar uma criança, é necessário o esforço de toda uma aldeia.”

Provérbio africano

Estanqueiro (2010)

Na primeira reunião de NE, com o meu colega e a professora cooperante, procedemos à escolha da TR e da TP.

Foi-me, então, delegada a turma do 8ºB como TR e a turma do 5ºD como TP entre o NE.

A primeira reunião de conselho de turma foi logo a seguir. Nos primeiros dias desta nova etapa da minha vida, naturalmente que o nervosismo era muito, estava tudo acontecer tão rápido. Era um misto de sensações. Estava, por um lado, muito entusiasmado e motivado para esta fase tão importante da minha formação, por outro, cheio de receios dada a responsabilidade que me iria ser dada.

Andei uma semana a pensar como seria a minha turma. Surgiram-me inúmeras questões: “Será que eles vão gostar de mim? Será que me vão respeitar? Será que me calhou uma turma daquelas que não gosta nada das aulas de Educação Física?”. Só me restava uma solução, esperar pela aula de apresentação.

No dia 14 de setembro, lá fui eu para a aula de apresentação, quase sem dormir, tal era o nervosismo que sentia. Estava prestes a conhecer a minha turma, os ‘meus meninos’. Para mim, era sem dúvida um dos momentos mais importantes desta caminhada.

Ciente de que a minha EC se encontra enquadrada num meio onde as dificuldades sociais e financeiras assumem particular relevo, estava convencido de que iria encontrar alunos, cujos comportamentos refletiriam (de forma mais

intensa, pensava eu) as consequências associadas às referidas desvantagens sociais.

A minha TR era composta por 24 alunos, 11 do sexo masculino e 13 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos. Na reunião de conselho de turma, os professores tinham caracterizado individualmente todos os alunos, e sinceramente as primeiras impressões que me foram transmitidas não foram as melhores.

Era necessário saber com quem ia trabalhar.

Segundo Bento (2003), “o aluno é o principal campo-de-ação-pedagógica do professor, razão pela qual devemos conhecer o mais detalhadamente possível as situações concretas da sua vida”.

Na minha primeira aula com ela, distribuí uma ficha de informação elaborada em NE, que me possibilitou recolher informação relativamente aos meus alunos, tais como: nome, data de nascimento, agregado familiar, residência, modalidade favorita, número de vezes que praticavam desporto por semana, notas obtidas à disciplina em anos anteriores, passatempos favoritos e motivação relativamente às aulas de EF.

Depois de uma análise mais cuidada sobre as respostas dadas pelos meus alunos à ficha de informação, pude constatar que 10 dos 24 alunos residiam em Paranhos, 1 em Valongo, 1 no Amial, 1 em Gondomar, 1 em Gaia, 1 na Alameda e 1 no Bairro do Lagarteiro.

No entanto, relativamente ao agregado familiar, as respostas deixaram-me um pouco alerta quando constatei que apenas 12 dos 24 alunos viviam diariamente com ambos os progenitores.

Uma percentagem significativa de alunos vive num agregado mono-parental, o que, eventualmente, poderá vir a interferir tanto nos resultados académicos como nas atitudes e comportamentos. Na faixa etária em que os alunos se encontram o envolvimento parental no acompanhamento do quotidiano escolar

e a articulação estabelecida com a escola são facilitadores do processo ensino-aprendizagem e da integração dos alunos na escola.

No que diz respeito às respostas que deram relativamente aos níveis obtidos no ano anterior à disciplina, assim como o número de vezes que realizavam prática desportiva por semana, os resultados não foram nada preocupantes, levando-me a crer que se tratava de uma turma com alunos predispostos para a prática desportiva, com níveis de aproveitamento razoáveis.

REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

ÁREA 1 – ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

Concepção: o ponto de partida para o planeamento.

“Todo o projeto de planeamento deve encontrar o seu ponto de partida na concepção e conteúdos dos programas ou normas programáticas do ensino (...)”

(Bento, 2003, p.7)

A concepção é vista como a base que norteia o planeamento. Antes de realizarmos todo o planeamento, torna-se fundamental consultar alguns documentos de extrema importância para a docência na nossa disciplina.

No início deste ano letivo, consultei os programas nacionais de EF, o PEE, projetos curriculares e regulamento interno da disciplina. Todos estes documentos, orientam a organização e gestão do ensino e das aprendizagens na nossa disciplina, e proporciona um entendimento geral para todos os docentes de EF.

Tal como nos refere Graça (2001, p.110) “o conhecimento que o professor tem da disciplina que leciona interage com conhecimentos, convicções e crenças acerca da educação, do ensino e aprendizagem, acerca dos alunos e acerca dos contextos educativos.” O autor remete-nos para a necessidade de complementar o conhecimento com as nossas concepções de ensino, de educação, de escola e da própria disciplina.

De acordo com as normas orientadores do EP³, a conceção visa “projetar a atividade de ensino no quadro de uma conceção pedagógica referenciada às condições gerais e locais da educação, às condições imediatas da relação educativa, à especificidade da Educação Física no currículo do aluno e às características dos alunos”.

O programa é visto como uma proposta metodológica dos conteúdos da disciplina, nas diferentes modalidades e com os objetivos de cada uma delas, no entanto deverá ser contextualizado às necessidades de cada professor.

Uma vez que trabalhei com uma turma do 8ºano, no início do ano letivo analisei cuidadosamente o programa nacional de EF para o 3º ciclo. Segundo Bento (2003, p.19), “o programa de ensino numa dada disciplina assume quase um «caracter lei» e possui o lugar central no conjunto dos documentos para o planeamento e preparação direta do ensino pelo professor”.

Durante esta etapa da minha formação, tive a possibilidade de confirmar que o programa é desajustado face à realidade de ensino atual, uma vez que o programa pressupõe um desenvolvimento constante das competências dos alunos e isso nem sempre acontece, o que por consequência muitas vezes condiciona o processo. Cabe ao docente, estabelecer metas atingíveis, procurar estratégias que permitam o seu grupo atingir essas mesmas metas, tendo em conta as condições materiais e espaciais que tem disponíveis, e a duração das UD's.

Outro dos documentos que analisei durante o ano foi o PEE. Segundo Santos *et al.* (2009, p.43), este documento deve retratar o contexto da escola, “(...) explicitando os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo se propõe cumprir a sua função educativa, definidos a partir da realidade socioeconómica da envolvente escolar”. A análise deste documento, permitiu-me arrecadar informação importante relativamente ao contexto social e

³ Normas orientadoras do Estágio Profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino da Educação Física nos ensinos básicos e secundário da FADEUP.

demográfico em que a escola está inserida, conhecer a sua história e os objetivos a atingir. No que diz respeito à minha EC, o PE “surge, assim, da necessidade de aumentar a visibilidade dos processos de escolarização, mobilizando vontades e recursos para promover uma ação educativa articulada e eficaz. Apresenta-se como um documento orientador, aberto, flexível e dinâmico, na medida em que se encara como passível de alterações em função da reflexão da prática e através dos resultados dos processos de autoavaliação⁴”. Estas orientações servem como ponto de partida para todo o planeamento, ficando desta forma à responsabilidade de cada professor adaptar as orientações em função do contexto em que a escola esta inserida e as características dos seus alunos.

Planeamento

Tal como nos refere Bento (2003, p16), “O planeamento constitui a esfera de decisão na qual o professor pré-determina quais os efeitos a alcançar no ensino e para quês são despendidos tempo e energias”. Desde o início que me consciencializei da importância de todo o processo de planeamento. Sabia de antemão que todo este procedimento iria influenciar diretamente as aprendizagens dos meus alunos.

Tal como nos refere o autor acima citado, o planeamento está dividido em três fases distintas, o Pano Anual, o Plano de Unidade Didática e o Plano de Aula.

O Planeamento é um processo chave para o desenvolvimento dos nossos alunos, deverá ser ajustado às características da turma e da escola, proporcionando um processo de ensino-aprendizagem justo coerente.

O processo de planear, tornou-se muito importante para mim, obrigou-me a refletir sobre as minhas decisões, adaptar e reconstruir sempre que necessário,

⁴ Projeto Escolar Educativo do Agrupamento de Escolas, ano letivo 2017/2018, aprovado pelo Conselho Geral. (p.4)

nunca descurando o foco principal, os meus alunos e as suas aprendizagens.

Muitas das dificuldades que senti ao longo do ano estão associadas à imprevisibilidade de todo este processo, tais como: modalidades a lecionar, número de aulas disponíveis para cada unidade didática e organização dos espaços.

Na minha opinião, torna-se fundamental, para o professor, adaptar e readaptar constantemente todo o processo de planeamento. Ao longo do ano, o meu planeamento foi sofrendo alterações, devido a situações imprevistas que ocorreram, tais como: visitas de estudo, greves, provas de aferição, etc..

Planeamento Anual

Para Bento (2003, p. 59), o Plano anual “é um plano de perspetiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas”. Tal como nos refere o autor, o plano anual, é um documento que requer uma análise e reflexão pormenorizada, onde devem ser tomadas decisões de forma fundamentada e consciente. Trata-se de um plano geral, integrante e contextualizado, que permite estruturar o que se pretende realizar ao longo do ano.

Antes da elaboração deste documento, é necessário considerar alguns fatores importantes e que influenciam diretamente o mesmo, tais como: o número de aulas disponíveis para cada UD, os espaços disponíveis para a realização das aulas, o programa e o material disponível. Na minha opinião, estes foram as variáveis que mais influenciaram a construção do meu plano anual.

O plano anual que nos foi disponibilizado pela Professora Cooperante na primeira reunião de NE já estava construído para os três períodos. Nele constavam as modalidades escolhidas para cada ciclo, bem como o número de aulas disponíveis para cada uma.

No Plano Anual que me foi fornecido, as modalidades que estavam estipuladas para o 8ºAno eram: Basquetebol (12), Atletismo (12), Tag-Rugby (12), Aptidão Física (3), Futebol (9), Ginástica (10), Badminton (10), Natação (6), Andebol (11) e Dança (10).

Durante o ano, ainda que o número de aulas definidas por modalidades já estivesse estabelecido desde o início, a PC deu-nos total liberdade para reajustar esse mesmo número de sessões, consoante as necessidades dos nossos alunos e as condições específicas dos espaços. Sem dúvida que foi no segundo período que mais dificuldades senti. As aulas de natação, que se realizaram na FADEUP, foram lecionadas todas as quintas feiras, e tinham a duração de 90 minutos, o que me obrigou a fazer alterações no plano anual.

Todas estas condicionantes, na minha opinião, não influenciaram negativamente todo o processo de aprendizagem dos meus alunos, no entanto, mas dado o número baixo de aulas que tínhamos disponível para cada modalidade, os conteúdos programáticos nem sempre eram abordados na totalidade.

Em conclusão, ao longo do ano senti, por vezes, necessidade de reajustar o Plano Anual, sempre com a preocupação de otimizar as aprendizagens dos meus alunos.

Plano de Unidade Didática

“As unidades temáticas ou didáticas, ou ainda de matéria, são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem”. (Bento, 2003, p.75)

Ao longo do EP, planeei e elaborei as diversas UD's tendo por base o MEC, proposto por Vickers (1990).

O MEC está dividido em três fases, sendo elas; fase de análise, fase de decisões e fase de aplicação. A fase de análise, está dividida em três módulos: no

primeiro módulo, estão mencionados os conhecimentos de cada categoria transdisciplinar (habilidades motoras, cultura desportiva, conceitos psicossociais e fisiologia do treino). No **segundo** módulo, está presente uma análise ao estabelecimento de ensino, às condições espaciais e materiais, bem como o material disponível para a leção dos conteúdos propostos. No **terceiro** módulo, surge a análise aos alunos, a nível motor, psicossocial e cognitivo.

A fase de decisões compreende quatro módulos. No **quarto** módulo, é determinada a extensão e a sequência dos conteúdos a abordar. No **quinto** módulo, estão definidos os objetivos em função dos domínios motores (habilidade motoras e fisiologia do treino), cognitivo (cultura desportiva) e socio afetivo (conceitos psicossociais). No **sexto** módulo, estão definidas as configurações das avaliações e no módulo **sete**, estão definidas as progressões de ensino para as habilidades motoras a abordar.

Por último, na fase de aplicação, o **oitavo** módulo engloba todas as planificações de aulas (planos de aula).

Uma das principais dificuldades que senti na elaboração das UD's ao longo do ano letivo prendia-se ao facto de as mesmas serem de curta duração, o que me obrigava a seleccionar apenas os conteúdos mais importantes, indispensáveis à prática das diversas modalidades que lecionei. Ao longo do ano, tal como aconteceu com o Plano Anual, senti necessidade de reajustar algumas UD's, nomeadamente a de Badminton e de Ginástica. O motivo para destes reajustes deveu-se, a maior parte das vezes, a visitas de estudo, feriados nacionais e constrangimentos de espaços. No entanto, sempre que, na minha perceção, os meus alunos não estavam a reter os conteúdos que eu tinha planeado, ou não estavam a ter o desenvolvimento desejado, não introduzia conteúdos novos e preparava mais aulas para exercitar os conteúdos em que os alunos estavam a sentir mais dificuldades.

Em conclusão, a elaboração e o reajustamento das UD's que implementei ao longo do estágio profissional contribuíram para o desenvolvimento das minhas competências enquanto professor.

Planos de aula

O Plano de Aula é o produto final de todo o processo de planeamento mencionado até aqui. Ele é concretizado num documento que tem como objetivo orientar e estruturar o processo de ensino-aprendizagem e surge como um elemento fundamental na lecionação das aulas. A sua elaboração tem como suporte a matéria, os alunos e as condições de ensino (Bento, 2003).

O plano de aula é um documento que interliga e concretiza as intenções do plano anual e da UD, tornando-se um elemento fundamental na organização e lecionação dos conteúdos.

Como nos refere Bento (2003, p.164):

“(...) sem se elaborar e ter em atenção o plano anual e o plano da unidade temática, sem se analisar e avaliar o ensino anterior, não se pode falar propriamente de preparação das aulas mesmo que, aparentemente, este último aspeto pareça ter lugar!”.

A estrutura do plano de aula que utilizei ao longo do ano, foi-nos fornecida no início do EP pela PC. No entanto, foi-nos dada liberdade para modificar a estrutura, tendo apenas de manter os seguintes parâmetros: cabeçalho, objetivos da aula para as quatro categorias transdisciplinares, tempo de exercício, objetivos comportamentais, situação de aprendizagem, organização da turma e componentes críticas ou palavras-chave.

No cabeçalho, constava informação relacionada com a aula, número da aula e da sessão, hora, local da aula, UD, funções didáticas, o ano e a turma, número de alunos, duração da aula e material utilizado. No quadro abaixo do cabeçalho, estavam referidos os objetivos, que eram divididos segundo as quatro categorias transdisciplinares (habilidades motoras, cultura desportiva, condição física e fisiologia e conceitos psicossociais).

O plano de aula está dividido em três fases diferentes da aula: parte inicial, fundamental e final (Bento, 2003).

A parte inicial dos Planos de Aula que elaborei ao longo do ano, destinava-se à ativação geral do grupo, algumas vezes através de jogo lúdico-desportivos, outras vezes com exercícios que tivessem transferências para os conteúdos que iria abordar. No que concerne à parte inicial da aula, Bento (1998, p.153) refere-nos a “preocupação de criar uma situação pedagógica, psicológica e fisiológica, favorável à realização da função principal da aula”. Na parte fundamental da aula, o “professor tem a tarefa de realizar os objetivos e de transmitir os conteúdos propriamente ditos da nossa disciplina” (Bento, 2003, p.158), tornando-se desta forma como ponto central de todo o processo de planeamento da aula. Por último, e não menos importante, a parte final da aula era utilizada para revisões de conteúdos abordados, exercícios de retorno à calma e alongamentos. Segundo Rosado e Mesquita (2011, p.92), “a importância de adotar estratégias de atividades de conclusão, subordinando-as ao objetivo didático de consolidação e revisão do aprendido, de integração do aprendido num âmbito mais geral e de motivação.”.

Durante o primeiro período, senti muitas dificuldades na elaboração dos planos de aula, principalmente na escolha dos exercícios, segundo os objetivos propostos. As inúmeras conversas com a PC e com o PO, foram fundamentais para ultrapassar estas dificuldades. O objetivo sempre foi planejar situações de aprendizagem desafiantes, que estivessem de acordo com os objetivos da aula e com o nível dos meus alunos.

Com o decorrer do ano letivo, já no 2º período, a elaboração dos planos de aula já não era uma preocupação, o que me permitiu dar maior atenção a outras questões importantes relacionadas com a aula, como os momentos de instrução e FP.

Em conclusão, o facto de conhecer cada vez melhor os meus alunos, e as capacidades individuais e coletivas da turma foi um fator preponderante para o

bom funcionamento das aulas, o que me permitiu concluir os planos das mesmas, a maior parte das vezes.

Realização

Controlo de turma

“O sistema de gestão das tarefas corresponde a um plano de ação do professor/treinador que tem ainda por objetivo a gestão do tempo, dos espaços, dos materiais e dos alunos/praticantes, visando obter elevados índices de envolvimento, através da redução da indisciplina e fazendo uso eficaz do tempo.” (Rosado & Ferreira, 2011, p.189)

Ao longo do EP, o controlo da turma sempre foi uma preocupação que tive, e que me obrigou a reflexões constantes e reformulações de estratégias.

Esta preocupação que sentia, na minha opinião, estava associada ao facto de a escola estar inserida num contexto social desfavorecido, onde os comportamentos e as atitudes dos alunos poderiam ser prejudiciais ao bom funcionamento das aulas, afetando desta forma o tempo potencial de aprendizagem e o empenho dos alunos nas tarefas. Tal como nos refere Estanqueiro (2010, p.61), “a indisciplina na sala de aula prejudica o ensino e a aprendizagem- Rouba tempo e energias” e “é uma das principais causas do mal-estar da profissão docente”.

Ao longo do primeiro período, o controlo da turma foi um aspeto que me obrigou a refletir mais, senti por diversas vezes necessidade de conversar com a PC sobre situações desagradáveis que aconteciam em contexto de aula.

As primeiras aulas que lecionei foram muito importantes para identificar os elementos mais problemáticos, perceber os contextos sociais de cada aluno e as relações que estabeleciam entre si. Tal como nos refere Oliveira (2002, p.88):

O conhecimento profundo dos seus alunos por parte do professor facilita uma maior compreensão das suas necessidades e problemas, e capacita o professor para o estabelecimento de respostas adequadas, nomeadamente na ajuda ao aluno, a fim de desenvolver o seu autoconceito e autoconhecimento.

Com a ajuda da PC, fui criando estratégias e implementando rotinas na minha turma que me ajudaram a ultrapassar as dificuldades que sentia, principalmente nas primeiras aulas que lecionei.

Ao longo do ano, senti que por vezes o comportamento dos meus alunos afetava diretamente as suas aprendizagens, e prejudicavam o bom funcionamento da aula, o que me obrigou a adaptar a minha postura consoante o comportamento que os meus alunos estavam a ter. Em situações em que a turma evidenciava um nível de envolvimento menos desejado, eu interrompia a aula chamava os elementos mais perturbadores e através do reforço positivo solicitava aos mesmos colaboração e exemplificação das tarefas. Por vezes também geri a minha intervenção juntos do(s) aluno(s) com atitudes descontextualizadas, solicitando para a aula seguinte a planificação de um exercício a ser desenvolvido por toda a turma. Assim, pretendia que os alunos se responsabilizassem por uma tarefa, como consequência de uma atitude menos desejada.

Naturalmente que os comportamentos desviantes se fazem sentir na falta de concentração que, por vezes, os alunos demonstravam, principalmente nos momentos de instrução. Esta falta de concentração fazia-se sentir na má organização e realização das tarefas que eram propostas, o que me obrigava, por vezes, a interromper os exercícios para voltar a explicar.

A implementação de Regras e Rotinas

Desde o início do EP que achei fundamental implementar determinadas regras e rotinas na minha turma, para que os meus alunos fossem conhecedores, desde

o início do ano, daquilo que era pretendido, o que podiam ou não fazer, antes durante e após a aula.

Muitas vezes associamos as regras e as rotinas ao mesmo significado, no entanto, tal como nos refere Siendetop (1991), as regras dizem respeito à forma como os alunos se devem comportar de acordo com certas situações, quer seja de forma positiva, quer negativa. Por sua vez, Rink (2014) refere-nos que as rotinas são métodos pré-estabelecidos para todo o ano letivo, permitindo uma boa gestão por parte do professor, ou seja, rentabilizar o tempo útil e dedicar mais tempo à parte fundamental da aula.

Uma das maiores dificuldades que senti, numa fase inicial do EP, foi a organização da turma à minha frente, nos momentos de instrução. Nas primeiras aulas que lecionei, os alunos demoravam muito tempo a conseguir organizar-se corretamente, à minha frente e em silêncio, dispunham-se uns à frente dos outros, e isso fazia sentir-se na falta de atenção que demonstravam enquanto eu falava.

Rapidamente percebi que tinha de procurar uma estratégia que me permitisse, organizar os alunos à minha frente e em silêncio. Comecei por fazer uma contagem de um até cinco, que obrigava os alunos a organizarem-se rapidamente. Os últimos a organizarem-se tinham um castigo físico, que poderia ser flexões, abdominais ou agachamentos. Esta estratégia teve muito sucesso, mas com o decorrer das aulas, por vezes já não sentia necessidade de fazer uma contagem para que os alunos se organizassem rapidamente.

No que diz respeito às modalidades individuais, como o badminton ou a ginástica, a implementação de rotinas foi muito importante para rentabilizar o tempo disponível para a gestão dos exercícios. No badminton, optei por utilizar durante toda a UD, a mesma forma de organização da situação de jogo 1x1, onde os alunos trocavam de campo e de adversário no sentido dos ponteiros do relógio. Por sua vez na modalidade de ginástica, desde a primeira aula, dividi a turma por grupos de trabalho, que se mantiveram ao longo de toda a UD. Organizei todas as aulas por estações, cada grupo de trabalho estava numa

estação e ao meu sinal sonoro trocava de estação seguindo uma sequência pré-definida. Após as primeiras aulas, os alunos já sabiam quem eram os seus colegas de grupo e já tinham percebido como eram feitas as rotações entre estações.

Nas modalidades desportivas coletivas, como o basquetebol e o tag-rugby, a minha preocupação centrava-se no cuidado que os meus alunos tinham com o material. Sempre que um aluno utilizava incorretamente o material da aula, no final, ficava responsável por arrumar tudo.

No que diz respeito às regras, na primeira aula, li aos meus alunos o regulamento específico da disciplina de EF, onde estavam descritas todas as regras que os alunos tinham de cumprir.

Ao longo do ano, senti necessidade de implementar algumas regras mais específicas de certas modalidades, com o objetivo de regular as tarefas da aula, como por exemplo: cabelos presos, proibir o uso de relógios, colares, brincos e pulseiras.

Para criar um ambiente propício às aprendizagens dos nossos alunos, é fundamental definir regras e rotinas desde o início, e zelar pelo cumprimento das mesmas ao longo do ano.

Organização e Gestão do tempo de aula, um desafio...

Durante a fase inicial do EP, a organização e a gestão do tempo de aula foram uma preocupação para mim.

Nas primeiras aulas que lecionei, senti muitas dificuldades em definir os tempos necessário para as tarefas de organização e para os momentos de instrução, bem como o tempo necessário de exercitação para cada situação de aprendizagem. Rink (2014), refere-nos que não existe nenhuma forma de antecipar o tempo exato que os alunos precisam ou podem gastar

produtivamente numa dada atividade. Numa primeira fase, sentia a necessidade de observar a resposta que os meus alunos davam à tarefa que propunha, o que me permitiu por vezes adaptar a organização e os tempos da mesma.

Nesta fase, as inúmeras conversas com a PC e com o colega do NE, demonstraram ser fundamentais na busca permanente de estratégias que me permitissem otimizar a gestão dos tempos de aula.

Tal como nos refere (Metzler, 2011) a gestão do tempo de aula revela a capacidade de o professor maximizar um dos mais importantes recursos pedagógicos que tem ao seu dispor- o número de minutos disponíveis para cada sessão. Segundo o mesmo autor, todos os tempos de aula, organização, gestão e transição, são fundamentais nas aulas de Educação Física, e os professores que conseguem otimizar esses mesmos tempos são mais eficientes.

O maior entrave que surgiu durante a minha prática pedagógica, relativamente à gestão e organização dos tempos da aula, foi, sem dúvida alguma, a falta de pontualidade dos meus alunos. Desde o início do ano letivo que esta situação me preocupava e interferia diretamente no bom funcionamento das aulas.

O facto de os alunos chegarem constantemente atrasados obrigava-me a ter de repetir as informações que já tinha transmitido, perturbando, desta forma, todo o tempo previsto para cada tarefa da aula. Nos primeiros minutos de cada sessão, procurava criar um diálogo mais descontraído com os meus alunos, enquanto esperava a chegada de alguns elementos que se atrasavam. Esta estratégia foi muito positiva, pois permitiu-me a criação de relações afetivas com os meus alunos. Na minha opinião, a pontualidade dos alunos é fundamental para se conseguir uma boa gestão do tempo de aula.

Na minha TR, senti necessidade de aplicar castigos físicos, ou atribuir tarefas relacionadas com a aula, como por exemplo organizar ou arrumar material, aos alunos que chegavam atrasados. Esta estratégia revelou-se fundamental para combater os atrasos.

Outros dos fatores que pesavam na gestão do tempo de aula eram a exposição oral e a explicação das tarefas. Tal como nos referem Rosado e Mesquita (2011, p.94),

“um primeiro critério de qualificação de exposição cruza-se com os critérios de gestão, nomeadamente do tempo de sessão, enfatizando-se a necessidade de realização de preleções sucintas e focadas sobre os objetivos da sessão, sobre os aspetos relevantes da informação, disponibilizando mais tempo para a atividade física e possibilitando uma compreensão mais perfeita da informação.”

Procurei sempre utilizar um discurso objetivo durante as minhas intervenções, focando-me sempre no que realmente era importante, e recorrendo a demonstrações como forma de facilitar a compreensão das tarefas aos meus alunos. Rosado e Mesquita (2011), sublinham que a demonstração “assume no âmbito das atividades desportivas um papel fundamental, na medida em que possibilita a visualização por parte do praticante do(s) movimento(s) a efetuar”.

No que diz respeito ao tempo de transição entre exercícios, numa fase inicial, dada a diversidade de exercícios que planeava e as diferentes organizações que os mesmos assumiam, era perdido muito tempo de aula, o que me obrigou a refletir sobre esta situações e procurar estratégias que me ajudassem a combater esta dificuldade que sentia. Optei por criar variantes em cada situação de aprendizagem, usando o espaço e a estrutura dos exercícios anteriores, diminuindo desta forma o tempo de transição entre exercícios. Outro fator que influenciou positivamente a gestão do tempo de aula foi a criação prévia, de grupos/equipas de trabalho que se mantinham ao longo das aulas.

Em suma, ao longo do EP, a gestão da aula e a organização da mesma foram melhorando aula após aula. O trabalho que desenvolvi de observação e reflexão das situações que me foram surgindo, obrigou-me a adaptações que se demonstraram fundamentais neste capítulo.

Instrução e Feedback Pedagógico

A capacidade de comunicar é uma das competências mais importantes da docência. Tal como nos referem Rosado e Mesquita (2011, p.69), a instrução,

“ocupa um lugar nobre, ao referenciar-se à informação diretamente relacionada com os objetivos e a matéria de ensino. Por tal motivo, esta é conotada como a “chave” da estruturação e modificação das situações de aprendizagem, porquanto da eficácia dos processos que integra dependem, em grande medida, os resultados da aprendizagem dos alunos”.

Rosado e Mesquita (2009), sustentam que a transmissão de informação deve ser emitida em três momentos distintos: (1) antes da prática, com recurso a exposições, apresentação das tarefas, explicações e demonstrações; (2) durante a prática, através da emissão de feedbacks e (3) após a prática, pela observação e análise da prática desenvolvida.

Numa fase inicial do EP, as dificuldades que sentia ao nível da instrução, estavam associadas a momentos de instrução muito longos e pouco objetivos. Sentia por vezes que os meus alunos ouviam aquilo que eu estava a dizer, no entanto não compreendiam e isso refletia-se nas dificuldades que eles sentiam na resolução das tarefas. Tal como nos indica (Mesquita, 2005, p.80), “a forma como a instrução é realizada interfere na interpretação que os alunos fazem das tarefas, o que influencia a realização das mesmas. “. Rapidamente percebi que tinha de trabalhar os meus momentos de instrução, dando maior importância aos objetivos previstos, transmitindo-os de uma forma mais clara e sucinta.

A forma como os alunos estavam posicionados nos momentos de instrução foi uma das minhas preocupações. Procurei sempre organizar os alunos de forma a permitir-me ter uma visão geral da turma e prevenir distrações ou possíveis comportamentos desviantes. Quando as aulas eram realizadas no pavilhão desportivo, os momentos de instrução tinham mais qualidade, os alunos não tinham grandes fatores de distração e o ambiente era mais silencioso. No entanto, quando as aulas eram realizadas no campo exterior, os meus alunos

estavam mais expostos a barulhos e distrações que se repercutiam na falta de atenção que tinham.

Com o decorrer do primeiro período, comecei a sintetizar melhor aquilo que realmente precisava de transmitir aos meus alunos nos momentos de instrução. Foquei-me no que realmente era importante, tentando desta forma rentabilizar ao máximo o tempo de aula disponível.

Na TP, a maior dificuldade que senti, nos momentos de instrução, foi a escolha da linguagem adequada à faixa etária dos meus alunos. Nas primeiras aulas, senti que eles tinham dificuldades por vezes em perceber o significado de algumas palavras, o que me obrigou a adaptar o meu discurso em função deles, permitindo-lhes uma maior compreensão das tarefas que propunha.

Tal como nos referem Rosado e Mesquita (2011, p.96), “o uso associado de diferentes estratégias instrucionais, nomeadamente na apresentação das tarefas motoras, em conformidade com a natureza específica das habilidades de aprendizagem e o nível de desempenho dos praticantes, revela-se particularmente eficaz”. Desta forma, tanto as demonstrações, como as palavras-chave e o questionamento contribuíram para melhorar e otimizar os momentos de instrução, contribuindo para o melhoramento do processo de ensino aprendizagem.

Ao longo das aulas, sempre que possível, recorri às demonstrações das tarefas motoras. Rapidamente me apercebi que os alunos compreendiam melhor as tarefas quando a instrução era acompanhada de demonstração. Por vezes, sentia dificuldades de demonstrar algumas habilidades motoras em modalidades em que não me sentia tão confortável, como foi o caso da ginástica, onde optei sempre por escolher um aluno habilidoso e com competências para demonstrar aos colegas.

As palavras-chave emergem no sentido de complementar as demonstrações, uma vez que expressam as indicações mais importantes para a realização correta das tarefas. Muitas vezes, nós, professores inexperientes, caímos no

erro de emitir palavras-chaves em demasia, o que leva o aluno, por vezes, a desfocar do que realmente é importante.

O questionamento foi outra das estratégias que utilizei ao longo do EP. Tal como nos indicam Rosado e Mesquita (2011), o questionamento é um método verbal utilizado frequentemente pelos professores. Questionar os alunos acerca das matérias e dos conteúdos que introduzimos, permite ao professor verificar o grau de compreensão da informação que transmitiu.

Apesar de ter recorrido frequentemente ao questionamento, sinto que não o utilizei as vezes necessárias, dada a importância que o mesmo tem no processo de ensino-aprendizagem. Numa fase inicial, a minha preocupação estava focada essencialmente na gestão e organização das situações de aprendizagem e no controlo da turma, o que fez com que o questionamento nem sempre tenha surgido nas minhas aulas.

Normalmente, quando iniciava uma UD nova, questionava os meus alunos sobre conteúdos relacionados com a modalidade. Esta estratégia permitiu-me conhecer o nível dos meus alunos e funcionava como uma AD.

O questionamento, utilizado em consonância com o estilo de ensino de descoberta guiada, permite aos nossos alunos refletirem e procurarem soluções para dar a melhor resposta aquilo que lhes é pedido.

O feedback, tal como nos refere Januário (1996, p. 116),

“é definido pelo comportamento de ensino que consiste na reação do professor à prestação académica do aluno, intervindo no processo de aprendizagem com a função de avaliar a prestação, de a descrever de a prescrever ou de interrogar o aluno sobre o que fez ou como fez”.

Para o professor conseguir emitir FB aos seus alunos, é fundamental conseguir observar e detetar o erro. Tal como nos referem (Rosado e Mesquita, 2009, p. 85), “a qualidade deste processo de diagnóstico vai determinar, em grande medida, a qualidade da intervenção”. Torna-se fundamental o docente dominar

na totalidade os conteúdos que leciona. Ele, tem de ter a capacidade de observar, identificar o erro, tomar a decisão, emitir o FB e observar novamente a tarefa motora, para concluir se existe ou não a necessidade de emitir novamente um FB.

Desde o início do meu EP, sempre procurei dominar todos os conteúdos. Nas modalidades que sentia mais fragilidades, esse trabalho teve de ser mais aprofundado. Tinha de ter a capacidade de transmitir aos meus alunos informação sobre a qualidade dos seus movimentos, se a execução estava ou não a ser realizada corretamente e o que tinham de fazer para melhorar.

A falta de domínio dos conteúdos por parte do professor é um entrave à qualidade dos FB que emite. Tal como nos refere Mesquita (2005), a qualidade dos FB está dependente dos conhecimentos que o professor tem e da capacidade de fornecer informação aos seus alunos acerca do desempenho.

Normalmente, a maior parte dos FB que os professores emitem são individuais. No entanto se o nível dos alunos e as suas dificuldades forem semelhantes, o professor pode optar por emitir o FB para a turma.

Refletindo sobre a minha prática pedagógica, e em concordância com os autores referidos anteriormente, considero que tive situações em que a minha atuação relativamente ao FB emitido, não foi a mais adequada. Durante o primeiro período, principalmente nas modalidades individuais, com a preocupação de manter o grupo motivado e empenhado na realização das tarefas, e com o objetivo de alcançar o cumprimento integral da planificação realizada, não dei a devida importância a este aspeto.

No decorrer no ano letivo, comecei a desfocar as minhas atenções das questões da organização e controlo da turma e da gestão das situações de aprendizagem, e comecei a focar-me mais na qualidade da instrução e dos meus FB.

Modelos de Ensino

Tal como nos referem Graça e Mesquita (2006, p. 169), os “modelos instrucionais apresentam-se como propostas para a conceção e organização dos propósitos educativos, da interação pedagógica, da relação didática professor-aluno-matéria”.

Desde o início do EP, adotar um modelo de ensino que fosse adequado às características dos meus alunos foi uma dificuldade. O objetivo passava por proporcionar um processo de ensino-aprendizagem motivador e que permitisse aos alunos aprendizagens eficazes.

Tal como nos referem Mesquita e Graça (2011, p.45),

“entre modelos de instrução mais centrados na direção do professor e modelos que concedem mais espaço à descoberta e à iniciativa dos alunos, há que encontrar o justo equilíbrio entre as necessidades de direção e apoio e as necessidades de exercitar a autonomia, de modo a criar as condições favoráveis para uma vinculação duradoura à prática desportiva”. Desta forma, ao longo do ano, procurei adotar diferentes modelos de instrução, de acordo com as características das diferentes modalidades.

No início do ano letivo, dada a minha inexperiência e o reduzido conhecimento que tinha relativamente às características dos meus alunos, optei por adotar o **Modelo de Instrução Direta (MID)**. Este modelo de ensino caracteriza-se por centrar no professor a tomada de praticamente todas as decisões do processo de ensino-aprendizagem (Mesquita & Graça, 2011). Desta forma, o MID, foi o modelo de ensino que adotei para abordar todas as modalidades individuais, como o badminton a ginásticas e o atletismo. Este modelo, possibilitou-me gerir todas as decisões relativamente ao processo ensino-aprendizagem dos meus alunos. Tal como nos referem Mesquita e Graça (2011, p. 51), “o MID tem mostrado ser particularmente vantajoso no ensino de conteúdos decomponíveis para uma abordagem passo a passo, como é o caso das progressões pedagógicas para a aprendizagem de certas habilidades desportivas num contexto fechado”. O meu receio inicial, relativamente ao facto de adotar um

modelo de ensino mais focado nas tarefas que o professor realiza, era que as intervenções dos meus alunos ficassem para segundo plano, o que, no entanto, não viria ser assim.

Nas modalidades coletivas, como foi o caso do basquetebol, do futebol e do tag-rugby, optei por implementar o **Modelo de Educação Desportiva (MED)**. Este modelo de ensino, comporta a inclusão de três eixos fundamentais, que se revêm nos objetivos de reforma educativa da EF atual, sendo estes a competência desportiva, a literacia desportiva e o entusiasmo pelo desporto, procurando formar um aluno desportivamente competente, culto e entusiasta (Mesquita & Graça, 2011). Sinceramente, este modelo de ensino, na minha opinião trouxe muitas vantagens para o processo ensino-aprendizagem, e contribuiu para que o mesmo fosse motivador e proporcionasse aos alunos uma experiência muito positiva. O MED tem como objetivo integrar os alunos por equipas, fomentar o espírito de entreajuda e cooperação, possibilitar a experiência de vivenciar diferentes papéis no desporto, tais como (treinadores, jogadores...) e a inclusão de todos os alunos de igual forma, mesmo aqueles com maiores dificuldades, o que passa por “harmonizar a competição com a inclusão, por equilibrar a oportunidade de participação e por evitar que a participação se reduza ao desempenho de papéis menores por parte dos alunos menos dotados” (Mesquita & Graça, 2009, p. 62).

Nas modalidades de futebol e tag-rugby, a parte final das aulas estava destinada a realização do torneio interturma. As equipas eram organizadas por mim no início da UD e permaneciam iguais até ao final da mesma. No final dos jogos, o capitão de cada equipa registava o resultado correspondente à sua equipa, numa tabela que se mantinha ao longo da UD.

O MED é um modelo que se mostrou adequado ao perfil da minha turma. Os aspetos tais como a responsabilidade, distribuição de tarefas e funções, espírito competitivo e o trabalho colaborativo, revelaram-se eficazes no desenvolvimento dos conteúdos. Os alunos desenvolveram o trabalho de equipa, foram capazes de ajudar os colegas com mais dificuldades. Durante os momentos de competição, era notório o envolvimento dos alunos: o espírito de equipa, o fair

play e o respeito pelo adversário estiveram presentes em todos os jogos. Tal como nos referem Mesquita e Graça (2011), competir e esforçar-se para ganhar é inerente ao ethos dos jogos e à cultura desportiva, no entanto pretende-se que a competição esteja fundada numa ética de respeito pelo espírito de jogo, num clima que favoreça a participação, o desenvolvimento individual, que equilibre as oportunidades de aprender e de jogar de todos os participantes.

Em suma, considero que os modelos de ensino que utilizei com a minha turma estiveram de acordo com as características do grupo e com os conteúdos de cada modalidade.

Observação do Ensino e Avaliação da Aprendizagem

Observação do Ensino

A observação é um ótimo instrumento de aprendizagem, que me acompanhou durante todo o processo da prática pedagógica.

Tal como nos refere Ferreira (2013, p. 123),

“observar uma aula, é olhar para ti, através do seu reflexo. E mais importante do que isso, refletir sobre o que observaste é olhar para nós, professores, e o que é que nós estamos a fazer com os nossos aprendizes”.

Ao longo do ano, realizei várias observações tanto ao meu colega de NE, como aos professores da EC.

Observar não é apenas olhar para o que acontece à nossa frente. Tal como nos indica (Sarmento, 2004, p. 161), observar é também “captar significados diferentes através da visualização.”

Desde o início do EP, a PC alertou-me para a importância que as observações tinham nesta fase da nossa formação. A observação está integrada nas tarefas a realizar pelos EE durante o EP, ao nível da organização e gestão do ensino e das aprendizagens, tal como está mencionado nas normas orientadores do EP.

Rink (2014, p. 260) refere-nos que quando os estudantes observam e analisam os próprios desempenhos ou o dos seus colegas, transformam essa experiência numa excelente fonte de aprendizagem.

As aulas que observei do meu colega de NE, e dos professores da EC foram, para mim, momentos de grande aprendizagem. Estes momentos ficavam marcados pela partilha de informação e de estratégias, pelo debate (pós observação), onde discutíamos de forma construtiva algumas situações que tinham surgido. Estes momentos ajudaram-me muito a encontrar soluções para algumas situações, semelhantes que ocorriam na minha turma, nomeadamente no domínio afetivo e social.

Durante a minha prática pedagógica, realizei um total de 9 momentos de observação (a professores da escola cooperante e ao meu colega de NE). Nas 3 primeiras observações que realizei, recorri a uma folha de *timeline*. Esta ferramenta permitia registar a duração que era despendida pelo docente em cada categoria de observação. As categorias, estavam divididas em instrução, feedback, organização, afetividade positiva, afetividade negativa, intervenções verbais do aluno, observação e outros comportamentos.

A oportunidade de observar aulas de diferentes professores permitiu-me obter uma imagem mais diversificada de atitudes, comportamentos e formas de atuar de acordo com os diferentes perfis de docência. Estas experiências mostraram me também diferentes dinâmicas de turma e alunos com habilidades e competências distintas. O que se refletiu pessoalmente, numa aprendizagem mais diversificada e completa.

Avaliação

“os professores não ensinam para avaliar, mas avaliam para ensinar melhor e garantir a qualidade das aprendizagens. A avaliação é um meio, não um fim.”

(Estanqueiro 2010, p.83)

A avaliação, é um dos processos mais difíceis e também mais importantes que um professor tem de realizar.

Segundo Bento (2003, p.174), “Em quase todas as obras de didática é realçada a importância de análise e avaliação do ensino. Concomitantemente com a planificação, a realização do ensino, a análise e avaliação são apresentadas como tarefas centrais de cada professor”. De acordo com Siedentop e Tannehill (2000), a avaliação deve estar interligada com os objetivos de aprendizagem dos alunos, uma vez que são necessárias referências que nos permitam distinguir o desempenho dos alunos.

De acordo com Vickers (1990), a avaliação pode revestir-se de duas formas: avaliação criterial e avaliação normativa. Ao longo do meu EP, com o objetivo de criar uma avaliação justa e coerente para os meus alunos, optei por realizar a avaliação criterial. Desta forma, os alunos eram avaliados a partir do cumprimento de critérios pré-estabelecidos. Segundo Gonçalves et al, (2010, p.41), a avaliação criterial é

“aquela em que se compraram os resultados alcançados com os previamente estabelecidos. Neste caso, a avaliação do aluno traduz a distância a que se encontra do padrão de aproveitamento determinado – a sua performance. (...) Este tipo de avaliação criterial faz-se em função das ações de cada aluno, considerado individualmente e não em comparação com os outros. Normalmente, é usado este tipo de avaliação no momento dos testes e provas, pois o professor define quais os critérios de avaliação que as respostas têm de ter, comparando o conteúdo das respostas dadas com esses critérios”.

Rosado *et al.* (2002, p. 32), referem-nos que “no que se refere à Educação Física (...), a avaliação referida à norma tem pouco interesse, devendo ser privilegiada uma avaliação referida ao critério, isto é, em função dos objetivos definidos.”.

O primeiro contacto que tive com a avaliação, aconteceu logo no início do ano letivo, quando realizei a AD na modalidade de basquetebol. O objetivo principal desta avaliação, tal como nos refere (Gonçalves *et al.*, 2010, p. 47), é, “identificar as competências dos alunos no início de uma fase de trabalho e colocar o aluno num grupo ou nível de aprendizagem ajustado às suas capacidades”. Segundo Rosado *et al.* (2002), a AD tem a função de verificar os conteúdos adquiridos pelo aluno e, também, se este já possui conhecimento da matéria que o professor vai iniciar.

Nesta primeira fase, senti algumas dificuldades em definir aquilo que teria de ser avaliado e a forma como iria ser avaliado. Optei por construir uma tabela com os conteúdos, com o objetivo de me facilitar o momento de avaliação. No entanto, esta ferramenta não contribuiu tanto como estava à espera, dada a quantidade de conteúdos que tinha selecionado.

Dado o número reduzido de aulas para cada UD, ao longo do ano, houve modalidades, como o tag-rugby o badminton e a ginástica, em que não me foi possível realizar a AD. No entanto, era fundamental conhecer o nível dos meus alunos, para poder definir os conteúdos a lecionar. Posto isto, senti necessidade de pesquisar documentação de anos anteriores onde estavam mencionadas as classificações dos meus alunos. Contudo, na modalidade de tag-rugby, optei por pedir ajuda à PC. Só assim tive a possibilidade adquirir informações importantes relativamente ao nível dos meus alunos, uma vez que a professora já conhecia a minha turma. Nas modalidades em que foi possível realizar AD, construí grelhas onde estavam definidos os critérios que me permitiam verificar se os meus alunos realizavam ou não as habilidades motoras.

No que diz respeito à AF, segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), este tipo de avaliação deve acompanhar todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando assim as aprendizagens bem-sucedidas e as que evidenciam mais

dificuldades. Ao longo do ano letivo, uma avaliação informal e não sistemática foi realizada aula após aula, com o objetivo de observar o desempenho dos meus alunos, e o desenvolvimento que estavam a ter. No entanto, não foi possível ir além deste cariz mais informal, uma vez que as UD's eram demasiado curtas para realizar três momentos formais de avaliação. Este tipo de avaliação realizada ao longo das aulas ajudava-me muito nos momentos da AS, pois permitia-me chegar ao momento de avaliação final com um bom conhecimento relativamente as capacidades dos meus alunos. Por vezes, sentia que os meus alunos ficavam mais nervosos nos momentos de AS, e que as coisas naturalmente não eram realizadas com a mesma qualidade que demonstravam ao longo das aulas. Por isto mesmo, a observação e os registos que realizava tinham peso nas classificações finais dos alunos.

Seguindo uma sequência, depois de realizada a AD e a AF, chega o momento da AS. Segundo Gonçalves *et al.*, (2010, p.57), a AS, “é um momento de fazer um juízo global e de síntese, permitindo verificar a evolução e retenção do aluno perante toda a matéria que lhe foi transmitida”. Ao longo do ano letivo, a AS foi realizada, em todas as modalidades que lecionei, no final das UD's. Nas modalidades desportivas coletivas, como o basquetebol, o futebol, o tag-rugby, a avaliação era realizada em contexto de jogo, permitindo-me avaliar as habilidades técnicas de cada modalidade em conciliação com os aspetos táticos da própria modalidade. Na minha opinião, nas modalidades desportivas coletivas, a avaliação não deveria ser através da execução das habilidades de forma isolada, por este mesmo motivo optei por realizar sempre em contexto de jogo.

Nas modalidades individuais, como é o caso do badminton, da ginástica e do atletismo, a avaliação realizava-se através da execução das habilidades motoras alvo de avaliação, ou através de sequências pré-definidas como foi o caso da ginástica.

Nos momentos de AS, fazia-me acompanhar de um documento de registo, semelhante ao que utilizava na AD. Este documento, consistia numa grelha com

escala de apreciação em que cada item era pontuado de 0 a 5, dependendo do número de critérios que os alunos cumpriam.

No final de cada período, a classificação final de cada aluno esteve sempre de acordo com os domínios definidos pelo grupo de EF: domínio motor (60%), domínio psicossocial (30%) e domínio cognitivo (10%).

Relativamente à autoavaliação, a mesma era realizada no final de cada período. Tal como nos refere Gonçalves et al (2010, p. 63), “as aprendizagens significativas só acontecem se houver por parte dos alunos uma compreensão e uma reflexão sobre as suas aprendizagens”. Nestes momentos de avaliação, os alunos preenchiam uma ficha de autoavaliação, construída por mim, onde lhes era permitido referir a nota que achavam que mereciam a cada modalidade.

Em conclusão, as minhas capacidades avaliativas foram melhorando ao longo do EP, e as dificuldades que sentia na fase inicial foram ultrapassadas, o que contribuiu para o desenvolvimento das minhas competências enquanto professor.

ÁREA 2 – PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE.

Atividades não letivas

Relativamente às atividades não letivas organizadas na escola, podemos referir: torneios das diferentes modalidades (Tabela 1), dia da sapatilha, corta-mato e Mega Sprint, festas de final de período, dia da Pêro, a apresentação do Projeto “Arbitragem no Bairro” e a viagem de finalistas a Madrid com os alunos do 9ºA.

Tabela 1: Calendarização dos Torneios Pêro Sports

17 de outubro	Torneio de Basquetebol
15 de novembro	Torneio de Tag-Rugby
7 de dezembro	Corta – Mato
16 de janeiro	Mega Sprint
21 de fevereiro	Torneio de Badminton
22 de março	Torneio de Andebol
24 de abril	Torneio de Voleibol
16 de maio	Torneio de Futebol

A escola Pero Vaz de Caminha organiza todos os meses torneios de várias modalidades, sendo elas Basquetebol, Tag-Rugby, Badminton, Andebol, Voleibol e Futebol. Estas atividades têm como objetivo proporcionar aos alunos uma experiência competitiva autêntica. Os torneios fomentam o espírito competitivo, proporcionam um clima de festividade, com as bancadas cheias de alunos que apoiavam os seus colegas.

A participação nos torneios era permitida a todos os alunos da escola, independentemente da idade ou sexo. O último torneio realizado foi da modalidade de Futebol que, segundo a PC, era o que reunia maior adesão. Para participar no mesmo, os alunos não podiam ter nenhuma participação disciplinar no 3º Período. Esta estratégia, segundo os professores mais experientes na escola, refletia-se na diminuição das participações disciplinares.

Na minha opinião, atividades deste tipo são muito enriquecedoras não só pela experiência que proporcionam, como pela responsabilidade que é dada aos alunos no desempenho de diversas funções, tais como: árbitro, treinador e jogador.

No entanto, um dos pontos que considero importante refletir, com o objetivo de melhorar os próximos torneios, é a necessidade da elaboração de um regulamento interno dos torneios, onde estejam mencionados todos os direitos e deveres, bem como as regras obrigatórias para o bom funcionamento deste tipo de atividades.

Corta Mato e Mega Sprint

O Corta Mato e o Mega Sprint foram atividades organizadas pelo GEF. O Corta Mato realizou-se nas instalações da escola. O percurso foi definido pelos professores, com percurso idêntico para todos os participantes independentemente dos escalões em que se encontravam.

O Mega Sprint, tal como o nome indica, é uma prova de velocidade, de 40 metros, que se realizou no átrio da escola.

Estas duas atividades, dependendo do resultado obtido, possibilitava aos alunos a participação nas provas regionais do DE. Alguns dos nossos alunos obtiveram um bom resultado a nível de escola e, conseguiram o tempo mínimo exigido para participar na prova a nível regional.

Dia da Sapatilha



Figura 2: Fotos da atividade “Dia da Sapatilha”

No dia 10 de maio, realizou-se o “Dia da Sapatilha”, na escola Pero Vaz de Caminha. Esta atividade abrangeu todas as escolas do primeiro ciclo que pertencem a nosso agrupamento.

Durante toda a manhã, cerca de 150 alunos dos diferentes estabelecimentos de ensino deslocaram-se ao pavilhão desportivo para participarem em diversas atividades lúdicas. Foram organizados diferentes circuitos de coordenação motora, que tinham como objetivo não só promover o gosto pela atividade física, como proporcionar uma manhã bem divertida a todos os alunos.

Dado o elevado número de alunos que participaram nesta atividade, foram implicados alunos do 8º e 9º ano, que a convite dos professores de EF, colaboraram em diversas tarefas.

Ao longo do meu EP, várias foram as situações em que participei e se revelaram de grande pertinência para a minha aprendizagem enquanto pessoa e profissional da educação. Neste sentido, não posso deixar de mencionar o meu agrado (e surpresa!) na forma como os alunos mais velhos lidaram com os seus

pares mais novos - demonstrando preocupação e um enorme sentido de responsabilidade.

“Arbitragem no Bairro”, um projeto apoiado pela APAF e pela FPF.



Figura 3: Fotos da atividade “Arbitragem no Bairro”

Desde o início do EP, sempre tive como objetivo planejar uma atividade que proporcionasse um momento interessante e divertido para os meus alunos.

Uma vez que estou ligado desde jovem à arbitragem, e, por considerar ser uma “profissão” muito interessante tanto ao nível de responsabilidade que acarreta para os que a exercem, bem como pela importância que a mesma traz ao desporto, focando-se nas regras, no respeito e no fair-play, achei muito interessante sensibilizar os meus alunos para a importância desses valores no mundo do desporto.

Em conversa com um colega meu que exerce a função de direito na Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol, tive conhecimento desta iniciativa, que considerei de maior pertinência para o meu grupo de alunos.

O projeto, “Arbitragem no Bairro” tinha como objetivo transmitir alguns dos valores mais importantes do desporto, e com isso cativar alunos para experienciarem o papel que desempenha um arbitro de futebol.

Pois bem, no dia 11 de maio, depois de todas as diligências feitas, consegui trazer até à Pêro Vaz de Caminha, algumas figuras importantes do desporto, tais como: árbitros de futebol internacionais, árbitros de futsal da primeira divisão e alguns dirigentes ligados à Federação Portuguesa de Futebol. Durante essa manhã, no auditório da biblioteca da escola, os meus alunos tiveram a possibilidade de participar num colóquio organizado pela Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol, e por mim. Teve como principal objetivo transmitir os valores mais importantes do desporto, na voz dos profissionais. Fiquei muito satisfeito em conseguir desenvolver este projeto na minha escola, para os meus alunos. Foi sem dúvida, um momento muito gratificante para mim assistir à envolvimento, participação e motivação com que os alunos estiveram na atividade.

Fiquei muito grato ao Diretor do Agrupamento, que desde o primeiro contacto se demonstrou interessado e disponível para operacionalizar esta iniciativa, bem como à Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol pela oportunidade que nos deu de desenvolver este projeto juntos dos alunos.

Os princípios que regem este projeto, dentro do contexto em que está inserida a escola, assentam na promoção de valores individuais e coletivos de cidadania.

Viagem de Finalistas a Madrid com a turma do 9ºA

Porque o papel do docente vai muito para além da lecionação das aulas, a convite da PC, Helena Abrunhosa, nos dias 8, 9 e 10 de abril, acompanhei um grupo de professores da escola Pero Vaz de Caminha e a turma do 9ºA na viagem de Finalistas a Madrid.

Desde o momento em que a professora me dirigiu o convite para a acompanhar na viagem fiquei muito entusiasmado. Era a oportunidade de experienciar o trabalho que os docentes exercem nestas situações de atividades extracurriculares, mais ainda, fora do país.

Desde logo senti que me atribuíam responsabilidades, e claro, a possibilidade de experienciar algo que nunca tinha vivido. No entanto, consciente do papel a desempenhar, realizei todo um trabalho cooperativo, a fim de que esta atividade fosse bem-sucedida. E a verdade é que foi, sem dúvida, um fim de semana muito divertido. Senti na pele as funções de um professor fora do contexto de sala de aula. Foi uma experiência muito rica e que ficará na minha memória enquanto EE, cada vez menos “aluno”. O espírito de camaradagem, sem esquecer a responsabilidade, atribuí a estes momentos um significado da maior importância. Durante a viagem senti-me mais próximo dos outros professores e senti da parte dos mesmos que pertencia ao corpo docente da escola. Criei empatia e desenvolvi laços de amizade, que ficarão para o meu futuro. Foi sem dúvida um dos momentos mais especiais nesta etapa.



Figura 4: Foto da Viagem de Finalistas a Madrid

Visita de estudo ao parque aquático de Amarante

A última visita de estudo realizada durante este ano letivo, foi precisamente ao parque aquático de Amarante. Todos os anos, o GEF organiza esta visita para os alunos da escola, com o objetivo de lhes proporcionar um momento de diferente com aspetos de convívio social e descontração. Na minha opinião, proporcionar aos alunos este tipo de atividades é muito enriquecedor, uma vez que maior parte deles não tem acesso a estas experiências diversificadas ao nível de contextos e parceiros.

Uma das condições exigidas pelos professores que organizam esta atividade é os alunos não terem participações disciplinares para poderem ir, ou seja, é vista como uma recompensa para aqueles que tiveram um ano letivo bem-sucedido. Esta atividade decorreu no final do 3º período e à semelhança dos anos anteriores os professores acompanharam os alunos e eu integrei este grupo. Ao longo do dia foi visível a satisfação e o prazer com que os alunos desfrutaram desta atividade. Também para mim, foi mais um momento, em que, em contexto físico diferenciado tive a possibilidade de observar o comportando, adesão e motivação por diferentes atividades recreativas assim como o relacionamento interpessoal estabelecido.



Figura 5: Foto dos alunos no escorrega do Parque Aquático de Amarante

ÁREA 3- DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Estudo Investigação: Atitudes dos Alunos face à disciplina de Educação Física

Introdução

Atualmente vivemos numa sociedade que enfrenta inúmeras alterações sociais, políticas e educativas. A disciplina de Educação Física não foge à regra, assumindo problemas relacionados com a sua identidade e com a incapacidade de se adaptar às tendências atuais.

Torna-se fundamental perceber a atitude dos alunos face à disciplina de Educação Física, como é que os alunos percecionam e avaliam o interesse e a importância da disciplina no currículo. Para melhorar o vínculo dos alunos com os objetivos formativos da Educação Física é importante enquadrar as decisões pedagógicas de acordo com os interesses e as necessidades dos alunos.

“Não é novidade a necessidade de renovar a escola, de a tornais mais atraente, de refundar as formas de prática de educação escolar. (...) Também não é novidade que a escola, para isso, precisa de se aproximar das crianças e jovens, do mundo da sua vida e cultura. (...) Precisa de contemplar o presente dos sujeitos e da educação.” (Bento, 1997, p.199)

Tal como nos refere Bento (1997) é fundamental refletir acerca do papel da EF escolar, e integrá-la na cultura da sociedade em constante transformação.

Objetivos do Estudo

O principal objetivo deste estudo, é identificar as atitudes dos alunos do 5º e 8º anos da Escola Básica Pêro Vaz de Caminha, face à Educação Física escolar e aos currículos estabelecidos para a disciplina.

O presente estudo perspetiva os seguintes objetivos específicos:

- 1- Identificar as perceções dos alunos acerca dos objetivos que estes consideram prioritários para a EF escolar;
- 2- Identificar as perceções dos alunos relativamente aos fatores fortes da agradabilidade e da desagradabilidade nas aulas de EF escolar;
- 3- Determinar o grau de importância da EF escolar na formação geral do aluno;
- 4-Verificar o grau de importância percebida da EF escolar, comparativamente com as outras disciplinas;
- 5- Comparar o desenvolvimento curricular atual de EF com o currículo desejado;
- 6- Identificar atividades que mais agradaram e/ou desagradaram nas aulas de EF.

Metodologia

De acordo com Fonseca (2002), a metodologia advém dos vocábulos “*methodos*” que significa organização e “logos” que se poderá traduzir por estudo sistemático, pesquisa e investigação. Quando falamos de metodologia, referimo-nos a um processo para se atingir um determinado fim ou para se chegar ao conhecimento.

Tal como nos refere Bruyne (1991), a metodologia deve ajudar a explicar não apenas os objetivos da investigação científica, mas principalmente o seu próprio processo, pois as suas exigências não são de submissão estrita a procedimentos rígidos, mas sim a obtenção de resultados.

Para a recolha de dados relacionados com as *Atitudes dos alunos face à EF escolar*, utilizei o questionário elaborado por Tannehill *et al* (1994), constituído por 40 itens. A seguir à primeira parte reservada para a recolha de dados demográficos, o questionário contém itens relacionados com os objetivos, as finalidades e os valores da disciplina; os facilitadores e barreiras ao envolvimento e itens relacionados com a importância e a preferência da disciplina, assim como a comparação com as outras disciplinas do currículo. De forma a objetivar as respostas e não permitir ambiguidade, o questionário é essencialmente constituído por questões fechadas, nas quais o respondente assinala uma das opções de resposta predeterminadas. Recorreu-se para tal à utilização da escala de Likert, a qual permite medir aspetos, atitudes ou opiniões do público-alvo. Trata-se de uma escala de resposta psicométrica usada frequentemente em questionários para a pesquisa de opinião. Este método permite especificar o nível de concordância face às opções apresentadas. Foi apresentada uma série de cinco proposições: concordo totalmente (5), concordo (4), concordo em parte (3), discordo (2) e discordo totalmente (1). Para além de itens no formato da escala de Likert, foram também incluídas questões que admitem várias respostas agregadas.

A amostra era constituída 59 alunos, 40 do sexo Feminino e 19 do sexo Masculino, que frequentaram as aulas de EF no ano letivo de 2017/2018. Os

participantes repartiam-se por 3 turmas do Ensino Básico (uma do 8º ano (25 alunos) e duas do 5º ano de escolaridade (34 alunos)), da Escola Básica Pêro Vaz de Caminha. As idades dos participantes estavam compreendidas entre os 10 e os 18 anos. O inquérito foi passado no decorrer do 3º período.

Adaptação do questionário

Elaborar um questionário não é uma tarefa simples, pois requer cuidados especiais, um requisito essencial quando pretendemos obter os resultados credíveis. Considera-se uma tarefa que exige tempo, esforço planeamento, experiência e domínio de conhecimentos. Contudo é um “exercício” para o qual não encontramos uma metodologia imaculada, livre de todo e qualquer tipo de erros. Tal como refere Aaker *et al.* (2001), a construção de um questionário é considerada uma “arte imperfeita”.

Nas questões 39 e 40 de tipologia de escala de Likert, das 5 proposições apresentadas, 1-muito menor, 2-menor, 3-igual, 4-maior e 5-muito maior, após análise das respostas obtidas, consideramos mais adequado associar as proposições positivas o 5 e 4 assim como as negativas 1 e 2 a fim de obter uma leitura mais clara. Esta adaptação surgiu em consequência da dificuldade sentida por parte dos inquiridos na interpretação destas questões.

Podemos ressaltar algumas dificuldades e limitações derivadas da aplicação deste tipo de instrumento e das circunstâncias da sua aplicação, nomeadamente os problemas que podem derivar da necessidade de explicar as instruções de forma clara a fim de tornar as questões mais simples; as dificuldades de compreensão dos conceitos e da linguagem das questões colocadas; a predisposição e disponibilidade para responder de forma séria; os condicionalismos de tempo e espaço para preenchimento do questionário.

Apresentação dos Resultados

Dados Demográficos

O primeiro gráfico (Figura 1) reporta-se à distribuição dos alunos da amostra por Nível de Escolaridade. Podemos observar que 58% dos alunos que responderam ao inquérito frequentam o 5º ano de escolaridade e 42 % frequentam o 8ºano, estando representados desta forma anos de escolaridade pertencentes ao 2º e 3ºCiclos.

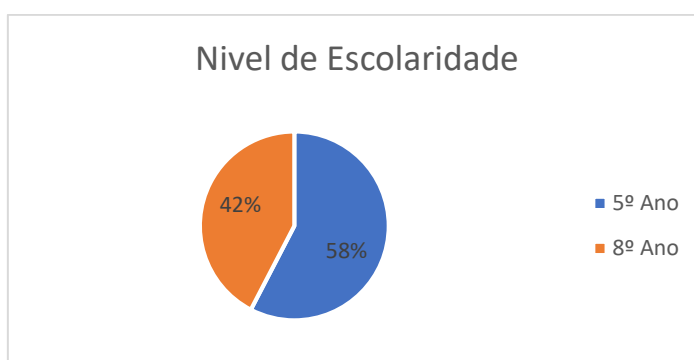


Gráfico 1: Distribuição da amostra por Nível de Escolaridade

No que respeita à distribuição da amostra por género (Figura 2), podemos observar que de um total de 59 alunos, o grupo das raparigas representa 68% e os rapazes 32%, ou seja a composição da amostra é maioritariamente do sexo feminino.

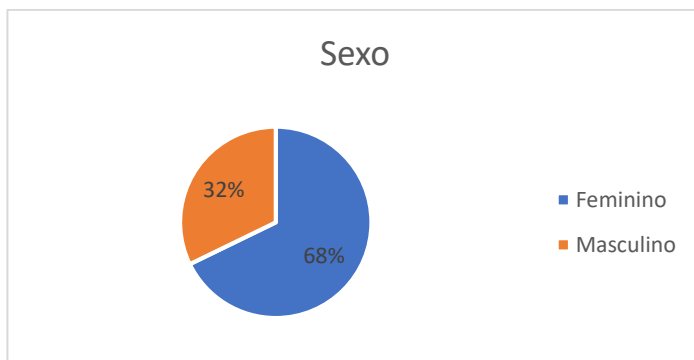


Gráfico 2: Distribuição da amostra por sexo

O gráfico da figura 3 apresenta a distribuição das idades dos alunos que participaram no presente estudo. As idades dos alunos das turmas do 5º ano concentra-se na faixa etária dos 10-11 anos; as idades dos alunos do 8ºano concentram-se maioritariamente na faixa dos 13 e 14 anos da e os 18 anos de idade, mas inclui alunos com idades mais avançadas, um com 16 e outro com 18 anos.

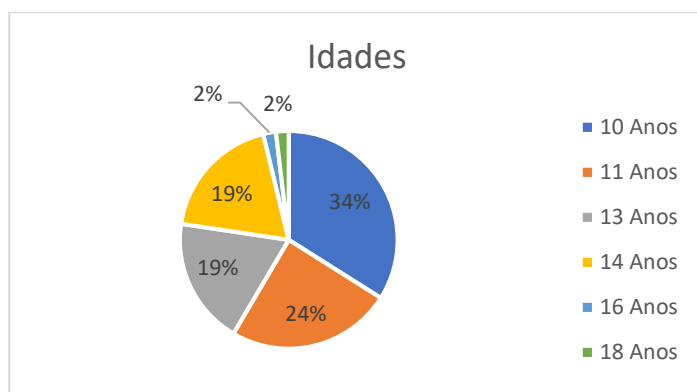


Gráfico 3: Distribuição da amostra por idades

Na continuidade da recolhe de dado pessoais e no que diz respeito à questão relacionada com a participação dos inquiridos no Desporto Escolar, o gráfico da Figura 4 indica-nos que 41 dos alunos responderam que não pertencem a nenhuma equipa do Desporto Escolar (80%), sendo 10 os alunos que frequentam o Desporto Escolar (20%), através da prática de uma modalidade.

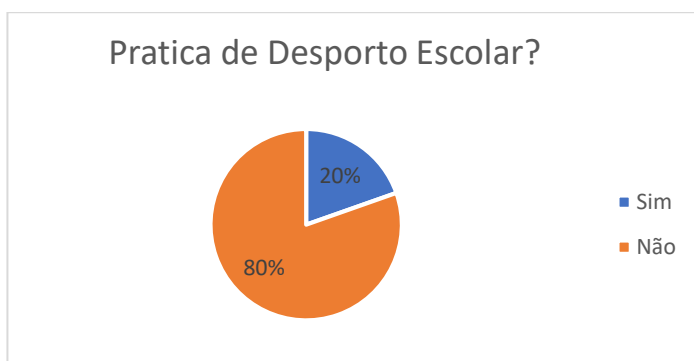


Gráfico 4: Pertence a alguma equipa do Desporto Escolar

Relativamente à questão relacionada com os desportos que pratica ou praticou, gráfico da Figura 5, podemos constatar que a modalidade de futebol se destaca das restantes opções. O futebol é para 13 (33%) dos inquiridos a modalidade mais praticada. Segue-se, as modalidades de Natação com 10 (26%), Dança com 6 (15%) e Ginástica com 3 (8%).

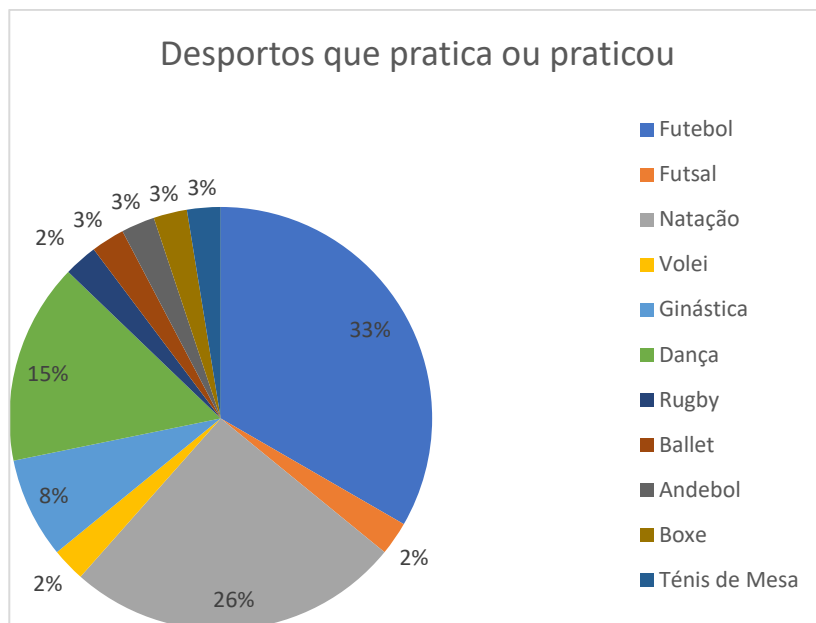


Gráfico 5: Desportos que pratica ou praticou

As modalidades de Futsal, Voleibol, Rugby, Ballet, Andebol, Boxe e Ténis de Mesa são praticadas por um único aluno (3%), não de forma cumulativa.

Contributos desejados da Educação Física

Numa leitura global do gráfico da Figura 6, podemos inferir que a generalidade dos respondentes manifesta valores de concordância em maior ou menor grau com os desígnios apontados para o ensino da Educação Física. Com uma única exceção, os níveis discordo e discordo totalmente são os que menos respostas obtém.

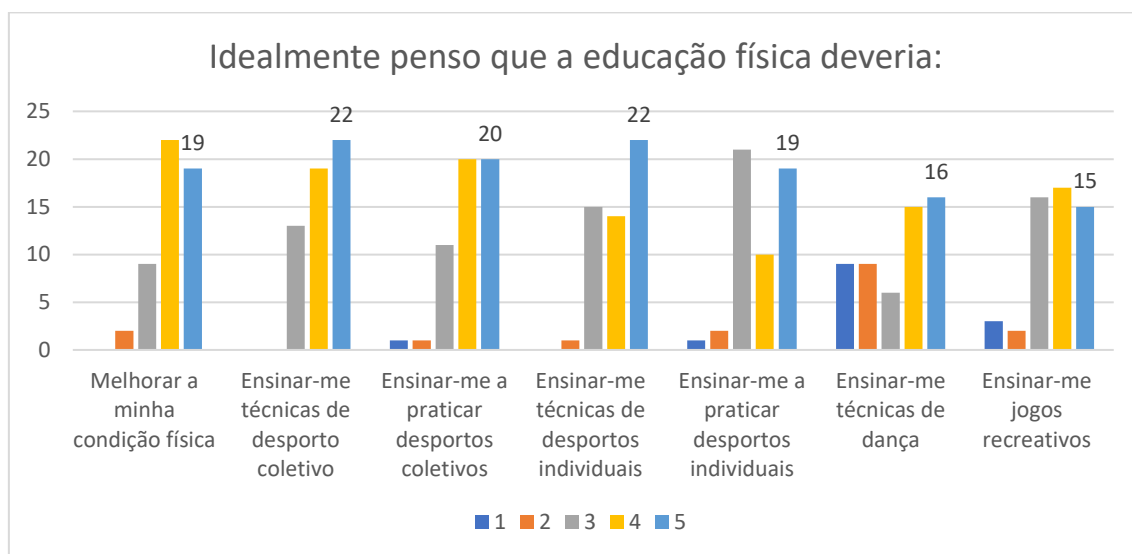


Gráfico 6: Idealmente penso que a Educação Física deveria

Os desportos coletivos aparecem como os mais desejados e apreciados pelos inquiridos, sendo na perspetiva de “jogo” um aspeto muito motivador para os jovens. Contrariamente, as *técnicas da dança* são a proposição em que as opiniões se apresentam de forma mais equilibrada, com valores menos aproximados entre a concordância e discordância.

A condição física surge de seguida aos desportos individuais e coletivos como uma das funções importantes que os alunos atribuem à disciplina visada.

Passamos à leitura das respostas dos alunos a cada um dos itens apresentados como contributos desejados da Educação Física:

Idealmente penso que Educação Física deveria:

- ***“Melhorar a minha condição física”,***

Apenas dois alunos inquiridos manifestam discordância com a Educação Física preconizar a melhoria da condição física. Sem discordar, mas também sem grande entusiasmo com este desígnio manifestam-se 17% dos inquiridos. A grande maioria dos alunos (79%) manifesta a sua firme (nível 4: 22 alunos) ou total concordância (nível 5: 19 alunos).

- ***“Ensinar-me técnicas de desportos coletivos”,***

O ensino das técnicas dos desportos coletivos é considerado positivamente por todos os alunos, sem exceção. Os valores mais elevados na escala de Likert neste item recebem a preferência de um maior número de alunos (nível 3: 24%; nível 4: 35%; nível 5: 41%).

- ***“Ensinar-me a praticar desportos coletivos”***

Relativamente ao contributo da EF para o domínio da prática dos desportos coletivos, a grande maioria dos alunos expressa a sua identificação com este objetivo da disciplina, perfazendo um total de 40 alunos (75%), que se distribuem de forma equitativa pelos níveis concordo e concordo totalmente. A “discordância” (1 aluno), e a “discordância total” (1 aluno) apresenta um valor insignificante. Na opção “concordo em parte”, encontram-se 11 alunos (21%).

- ***“Ensinar-me técnicas de desportos individuais”***

Quando confrontados com a questão do ensino das técnicas dos desportos individuais, 22 dos inquiridos (42%) “concordam totalmente” com a afirmação, “concordam” 14 alunos (27%) e são 15 (29%) os alunos que “concordam em parte”. Do conjunto dos inquiridos apenas 1 aluno manifesta “discordância”.

- ***“Ensinar-me a praticar desportos individuais”***

Na questão do ensinar a praticar desportos individuais”, a maior fatia de alunos (39%) manifesta apenas concordância parcial. Um pouco abaixo fica a percentagem de alunos que concordavam totalmente (36%), aos quais se podem adicionar os 19% que responderam “concordam”. Apenas 3 alunos se

posicionaram nos níveis de discordância com o ensino da prática dos desportos individuais.

- ***“Ensinar-me técnicas de dança”***

Nas respostas obtidas à questão do ensino das técnicas de dança, há um volume de discordância que não se verifica em nenhum dos domínios abordados e que chega à casa dos 33%. Ainda assim as fatias maiores de respondentes situam-nos níveis “concordo totalmente” e “concordo”, com percentagens respetivamente de 29% e 27%. Acresce ainda os 11% de alunos que concordam parcialmente com o ensino das técnicas de dança.

- ***“Ensinar-me jogos recreativos”***,

Na questão do ensino dos jogos recreativos, 60% dos alunos aprovam o contributo da disciplina de EF ao responderem numa atitude francamente positiva (concordam totalmente: 28%; concordam: 32%). É, ainda assim, considerável a percentagem de alunos que concorda apenas parcialmente (30%). Por seu turno, expressarem a sua discordância” e/ou “discordância total” apresentam-se 2 e 3 alunos, respetivamente (9,4%).

Contributos percebidos da Educação Física

Passando do plano da avaliação dos alunos relativamente ao que “idealmente” a Educação Física lhes deveria proporcionar, entramos numa outra ordem de questões que se vai focar na perceção dos alunos sobre o contributo “efetivo” das aulas de E.F para o seu desenvolvimento e aprendizagem, o questionário aplicado toma em consideração as áreas de conteúdo que compõem o currículo da Educação Física, a condição física, o ensino das técnicas dos desportos coletivos e individuais, o ensino de modalidades desportivas individuais ou coletivas, da dança e de jogos recreativos.

A figura 7 revela-nos uma perceção indiscutivelmente abonatória da disciplina, por parte dos alunos quando se referem ao contributo percebido das aulas práticas que frequentam. Podemos constatar que os alunos possuem uma

imagem muito positiva das suas aulas, o que nos congratula. Em todos os itens à exceção do ensino dos jogos recreativos, o nível 5 (totalmente de acordo) é o apontado por um maior número de alunos.

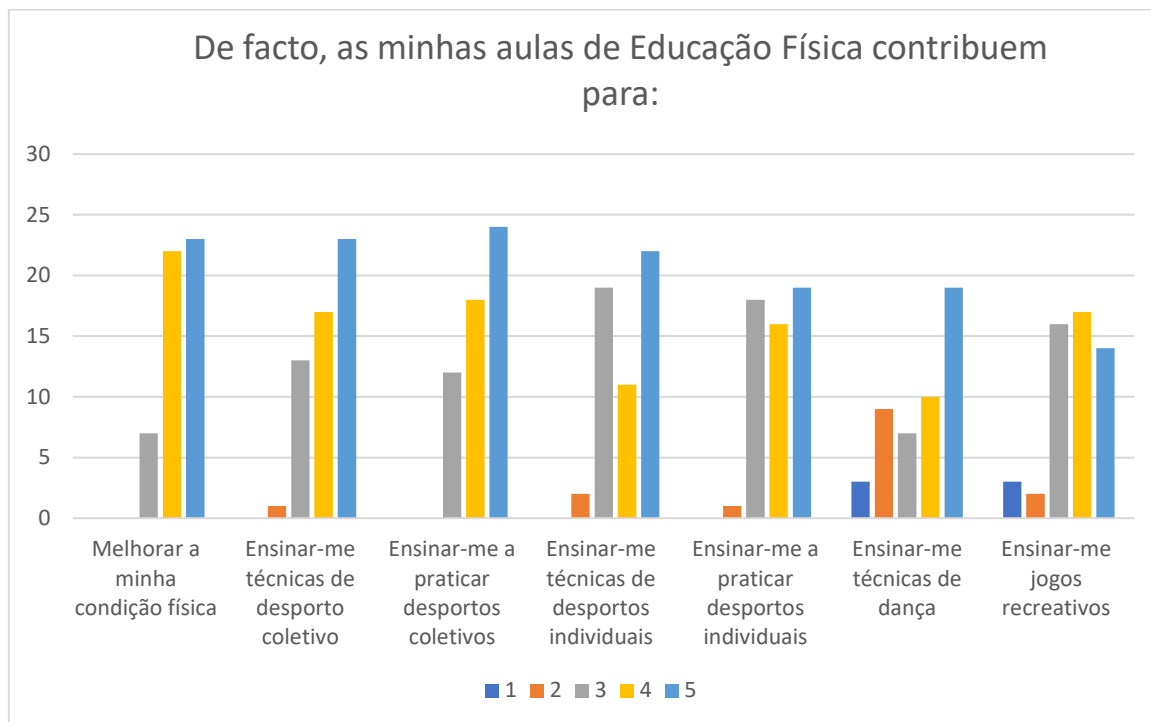


Gráfico 7: De facto, as minhas aulas de EF contribuíram para

Numa análise mais pormenorizada, item a item, podemos detalhar o que os percebem do contributo efetivo da Educação Física.

Efetivamente a Educação Física contribui para...

- ***“Melhorar a minha condição física”,***

Relativamente à questão da melhoria da condição física, 86% dos alunos concordaram de forma massiva e inequívoca com o contributo da Educação Física para o cumprimento deste objetivo (“concordam totalmente”: 44%; “concordam”: 42%). Os restantes alunos referem a sua “concordância em parte” face à questão colocada. Nenhum dos inquiridos respondeu que “discorda” ou “discorda totalmente” desta questão.

- ***“Ensinar-me técnicas de desportos coletivos”***

Relativamente à questão do ensino das técnicas de desportos coletivos, os alunos consideram que nas suas aulas de EF este aspeto está presente. Dos alunos inquiridos, 43% assinalaram “concordo totalmente”; 31% “concordam”; e 24% “concordam em parte”. A discordância surge somente na resposta de um aluno.

- ***“Ensinar-me a praticar desportos coletivos”,***

No que diz respeito à questão “Ensinar-me a praticar desportos coletivos”, obtivemos um perfil de respostas muito semelhante à do ensino das técnicas desses desportos – 45% alunos manifestam a sua concordância total; 33% “concordam”; 22% “concordam em parte”. A discordância nesta questão é nula, uma vez que não se obteve qualquer resposta nas opções “discordo totalmente” e “discordo”;

- ***“Ensinar-me técnicas de desportos individuais”***

Na questão “Ensinar-me técnicas de desportos individuais”, 22 dos inquiridos assumem que nas aulas de EF, este aspeto está bem presente, uma vez optaram pela resposta “concordo totalmente”. São 19 os alunos que referem “concordam em parte”. Em contagem decrescente estão os 11 alunos que selecionaram a opção “concordam”, 2 que “discordam” e nenhum aluno “discorda totalmente”;

- ***“Ensinar-me a praticar desportos individuais”***

Relativamente à questão “Ensinar-me a praticar desportos individuais” dos inquiridos que responderam a esta questão, 53 alunos que manifestam uma opinião bastante positiva ao “concordarem totalmente” 19, “concordarem” 16 e “concordarem em parte” 18. Só um aluno respondeu “discordo” à questão referida;

- ***“Ensinar-me técnicas de dança”***

Quando questionados com “Ensinar-me técnicas de dança”, os alunos emitiram a sua opinião de forma mais distribuída, sendo que 19 “concordam totalmente”

e 10 “concordam”. Em contrapartida, 9 alunos “discordam”, 7 “discordam em parte” e 3 “discordam totalmente”;

- **“Ensinar-me jogos recreativos”**

Se as aulas de EF contribuem para “Ensinar-me jogos recreativos”, 14 dos alunos que responderam à questão “concordaram totalmente” e 17 “concordaram”. São 16 os alunos que responderam “concordam em parte”, 2 “discordam” e 3 “discordam totalmente”.

Fatores de agradabilidade nas aulas de Educação Física

Numa perspetiva mais pessoal, a atitude dos alunos face à disciplina de Educação Física poderá estar inerentemente ligada aos fatores de agradabilidade. A Figura 8 apresenta a avaliação dos alunos nas diferentes “razões” inventariadas no questionário.

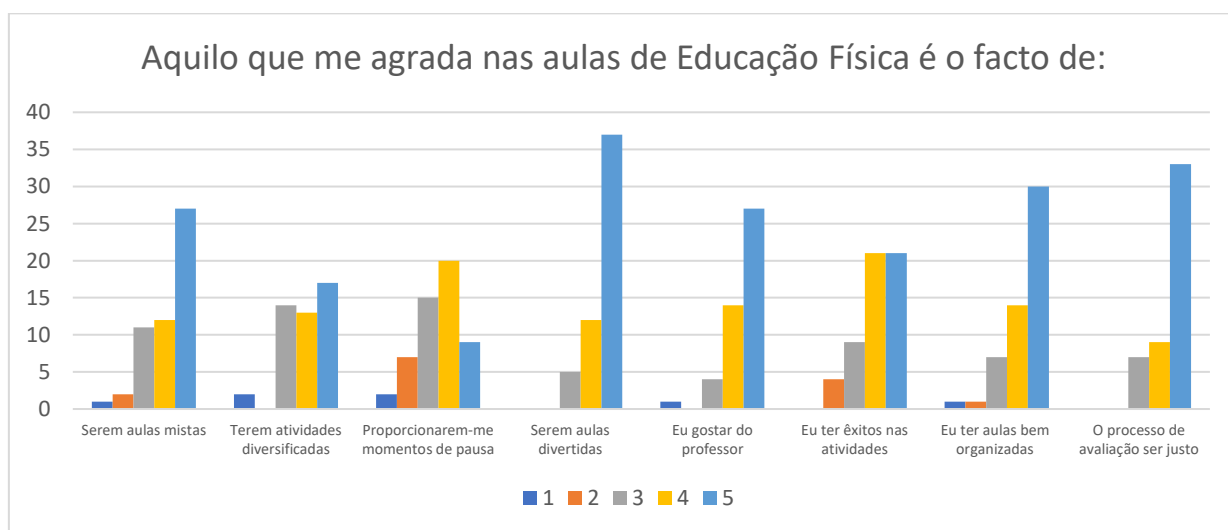


Gráfico 8: Aquilo que me agrada nas aulas de Educação Física

Face às tarefas desenvolvidas nas aulas da disciplina de E.F, os alunos identificam, de forma a sobressair os resultados o seu caráter de *diversão/ludicidade* como um aspeto motivador para o desenvolvimento das mesmas. Nas diferentes propostas apresentadas, os alunos com maior ou menor grau de apreço; ou seja, entre *o concordo totalmente* e *o concordo*, às atividades que

Para uma leitura mais pormenorizada, passamos individualmente às opções apresentadas:

- ***“as aulas serem mistas***

Relativamente à questão das “aulas serem mistas” 27 dos alunos que responderam, selecionaram a opção, “concordam totalmente”. Dos respondentes 12 e 11 alunos, assinalaram a opção “concordo” e “concordo em parte”, respetivamente e são 2 os alunos que manifestam a sua discordância com 1 “discordo” e 1 “discordo totalmente”;

- ***“ter atividades diversificadas”***,

Quanto ao facto de que as aulas de EF, apresentarem “atividades diversificadas”, as respostas distribuem-se entre o “concordo totalmente” com 17 alunos, “concordam em parte” para 14 alunos, “concordam” 13 alunos e “discordam totalmente” 2. É de referir que nesta questão se regista um número mais elevado de alunos que não responderam;

- ***“as aulas proporcionam momentos de pausa”***

Se as aulas de EF “proporcionam momentos de pausa”, 20 dos alunos inquiridos responderam que “concordam”. De forma menos efusiva, estão 9 respondentes que “concordam totalmente”. E são 15 os alunos que “concordam em parte”, 7 “discordam” e 2 “discordam totalmente”. Podemos inferir que a situação de “pausa”, não é a perspetiva que sobressai para um número significativo de alunos;

- ***“serem aulas divertidas”***

Quando auscultados sobre o facto de as aulas de EF “serem aulas divertidas”, foram 37 os alunos que manifestam de forma significativa a sua opinião através

da opção “concordo totalmente”. Por sua vez, 12 dos inquiridos optaram por responder “concordo” e 5 “concordo em parte”. Verifica-se uma discordância nula, quando se obtém 0 respostas nas opções “discordo” e “discordo totalmente”;

- ***“gostar do professor”***

Nas respostas obtidas relativamente ao facto de “eu gostar do professor”, 27 dos alunos afirmam “concordo completamente”, 14 “concordo”, 4 “concordam em parte” e apenas 1 aluno referiu “discordo totalmente”;

- ***“ter êxito nas atividades”***

Com a questão relativa ao êxito nas atividades nas aulas de EF, como aspeto a ter em consideração ao identificarem “aquilo que lhes agrada nas aulas”, pela leitura do gráfico podemos concluir, que 42 alunos (cerca de 76%) demonstraram a sua “concordância” e/ou “concordância total” Por sua vez, relativamente aos alunos que “concordam em parte” 9 e “discordo” 4 concluo que este grupo representa uma percentagem pouco significativa;

- ***“ter aulas bem organizadas”***

“Eu ter aulas bem organizadas” foi um dos itens em que a amostra evidenciou menos dispersão na sua resposta, uma vez que 30 alunos responderam “concordo totalmente” e 14 “concordam”. Nas restantes opções obteve-se um total de 9 alunos, sendo que 1 no “discordo totalmente” 1 no “discordo” e 7 no “concordo em parte”;

- ***“o processo de avaliação ser justo”***

No último item desta questão, quando a preposição é “o processo de avaliação ser justo”, os alunos concentram a sua resposta no “concordo totalmente” com um total de 33 respostas. Contrariamente, as restantes opções obtiveram um total de 16 respostas sendo que 9 correspondem “concordo” e 7 “concordo em parte”. Salienta-se o facto de nas opções “discordo” e “discordo totalmente” não haver qualquer resposta. A avaliação é um aspeto importante para os alunos, daí a necessidade de definir os conteúdos, métodos de análise e de classificação que permitam estabelecer elos de ligação, prevalecendo a intenção educativa.

Pelos resultados, concluímos que os alunos devem estar esclarecidos quanto aos meios e fins implícitos na sua avaliação, de forma a serem agentes ativos na mesma e permitindo-lhes dar a sua opinião.

Fatores de desagabilidade nas aulas de Educação Física

Numa leitura global do gráfico apresentado na figura 9, podemos verificar que os potenciais fatores de desagabilidade que constam no questionário não afetam a experiência da grande maioria dos alunos nas aulas de educação. Mais de metade dos alunos rejeitam completamente todos os fatores de desagradabilidade, com exceção do item “não ter habilidade para o desporto”. Aliás, apenas este fator, conjuntamente com outro fator de ordem pessoal, “não me sentir motivado” e um fator de ordem extrínseca “o tempo de aula ser muito escasso” recebem a aprovação (total ou parcial) de mais de 30% dos alunos.

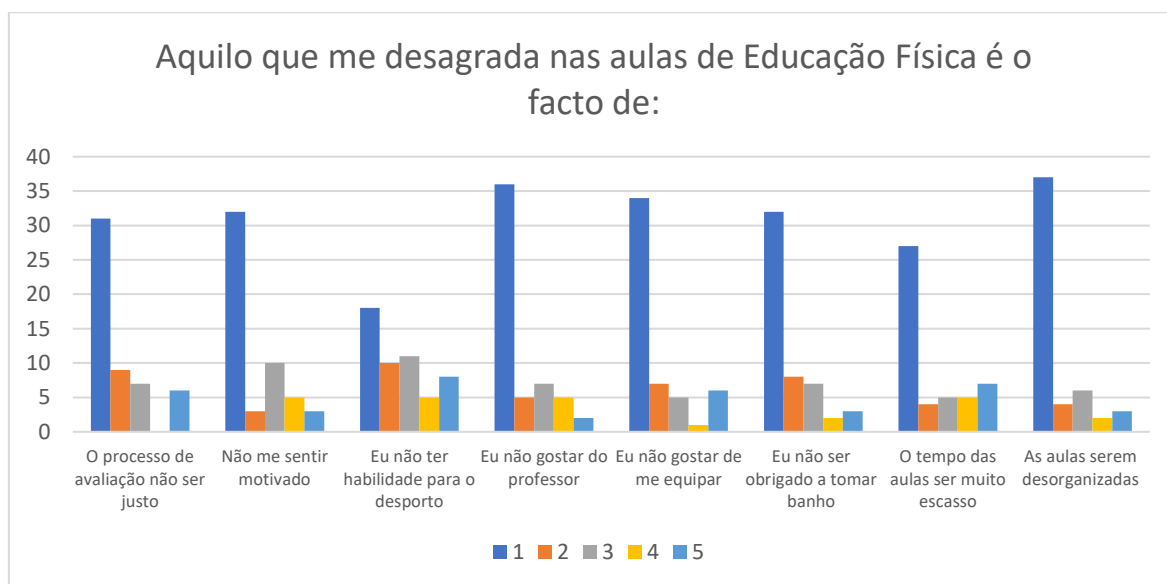


Gráfico 9: Aquilo que me desagrada nas aulas de Educação Física

De forma individualizada procedemos à análise das opções disponibilizadas:

- ***“o processo de avaliação ser injusto”***

Quando confrontados com a questão sobre a injustiça do processo de avaliação, 59% dos alunos negaram completamente essa eventualidade, ainda que 24% a admitam total ou parcialmente.

- ***“não me sentir motivado”***

A questão “não me sentir motivado” é rejeitada por 66% dos alunos (60% de forma absoluta). Registe-se no entanto que um terço dos alunos admite total ou parcialmente não se sentir motivado para as aulas de Educação Física.

- ***“não ter habilidade para o desporto”***,

Quando o aluno associa o desagrado nas aulas de EF à percepção de não ter habilidade para o desporto, isso é aspeto a ter em consideração, pelas repercussões que pode ter sobre a motivação e o empenhamento na aula. Pela leitura do gráfico, podemos verificar uma dispersão maior nas respostas obtidas, mas pouco menos de metade dos alunos admitem que a falta de habilidade é um fator de desagrado na participação na aula de educação física.

- ***“não gostar do professor”***

Na questão “eu não gostar do professor”, os resultados obtidos permitem concluir que este aspeto é relevante para a maioria dos inquiridos pois emitem a sua opinião, contudo são 36 os alunos que, face à sua experiência nos responderam com “discordo totalmente” quanto a ser este o fator que lhe provoca desagrado na disciplina referida. Nas restantes opções de resposta sobressai o grupo de 7 alunos que responderam “concordo em parte”;

- ***“não gostar de me equipar”***

Relativamente à questão “não gostar de me equipar”, os alunos num grupo significativo 41 “discordo totalmente” e “discordo” este último com 7 respostas obtidas. No entanto, são 7 os alunos que manifestam concordância com o desagrado em equipar-se;

- ***“ser obrigado a tomar banho”***

No que diz respeito à obrigatoriedade de tomar banho após as aulas, 40 alunos referiram que este não é um fator que comprometa o seu maior agrado nas aulas, uma vez que 32 alunos “discordaram totalmente” e 8 “discordaram”;

- ***“o tempo das aulas ser muito escasso”***

A carga horária letiva, com a preposição “o tempo das aulas ser muito escasso”, foi uma questão que recolheu a “discordância total” de 27 alunos. Contudo 7 alunos “concordam totalmente” com o reduzido tempo letivo atribuído às aulas de EF. Nas opções de resposta “concordo”, “concordo em parte” e “discordo” os alunos responderam 5,5 e 4 respetivamente.

Atividade preferida

Pela leitura do gráfico da Figura 10, podemos verificar que a atividade de eleição de um maior número de inqueridos foi a modalidade de Futebol, que obteve 18 respostas (34%), seguida do badminton, com 7 respostas (13%). As modalidades de Voleibol, Andebol e Ginástica receberam a preferência de 4 alunos cada, enquanto a dança e o rugby receberam somente 2 votos de atividade preferida.

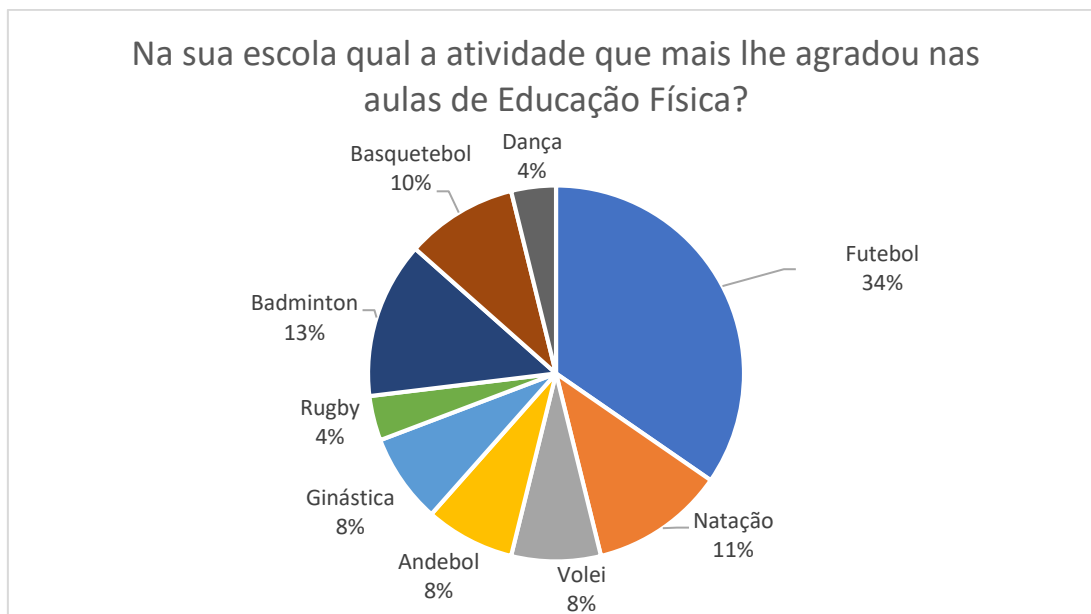


Gráfico 10: qual a atividade que mais lhe agradou nas aulas de Educação Física

Atividade menos agradável

No gráfico da figura 11, podemos concluir que a dança com 15 respostas (33%) e a ginástica com 13 respostas (29%) são as atividades de menor agrado para um maior número de alunos. Em contrapartida, foram indicadas pelos alunos as atividades de corrida, resistência e andebol com 1 resposta cada (2%), como as atividades que menos lhes agradaram. Foram ainda referidas pelos alunos as atividades de futebol com 7 respostas (16%), badminton com 2 respostas (5%), o voleibol com 3 respostas (7%) e atletismo com 2 respostas (4%).

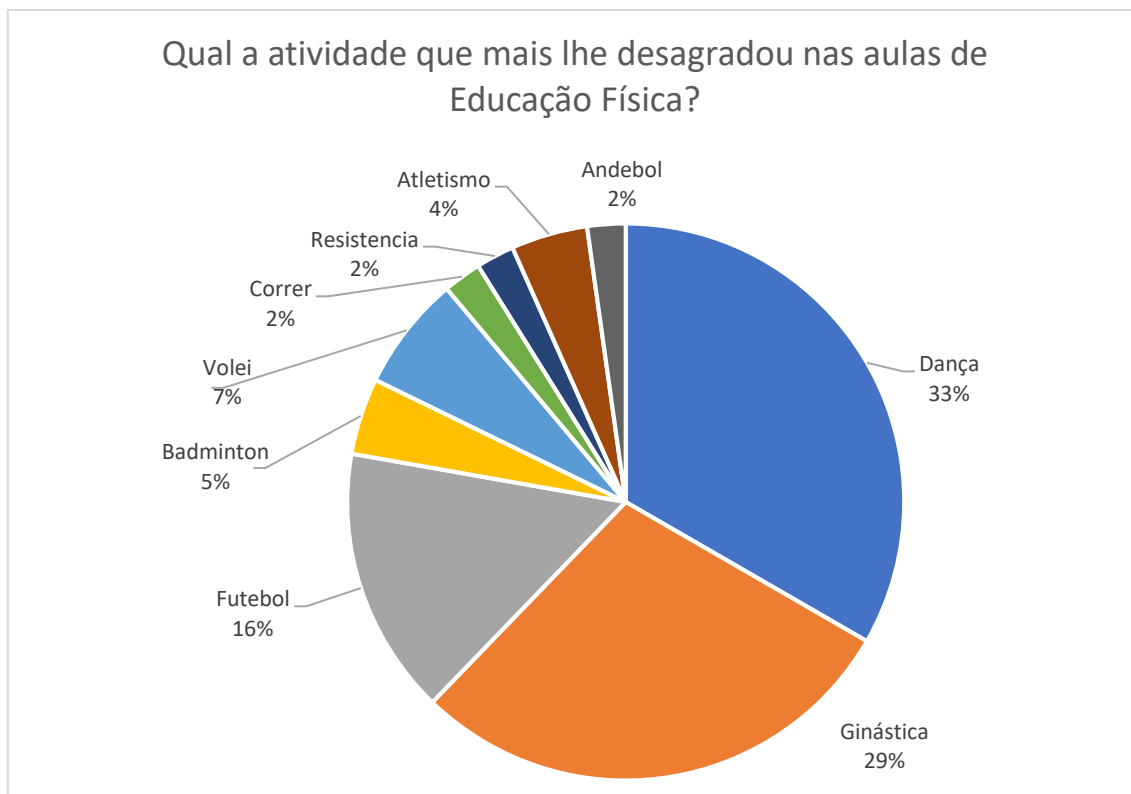


Gráfico 11: Qual a atividade que mais lhe desagradou nas aulas de Educação Física

Nível de importância atribuído à EF

No gráfico da Figura 12, podemos constatar a importância atribuída à disciplina de Educação Física. Nas respostas dadas pelos alunos, verificamos que 34 alunos (58% da amostra) consideram que a disciplina de EF é muito importante na formação a nível do ensino básico; 12 (20%) responderam que era importante, 10 (17%) disseram que era algo importante; um aluno atribuiu pouca importância à Educação Física e dois alunos consideram-na uma disciplina sem qualquer importância.

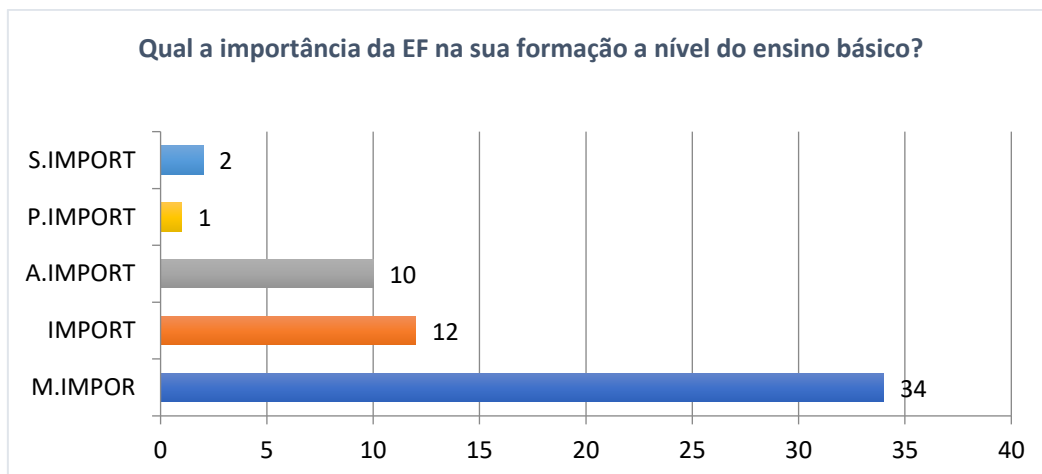


Gráfico 12: Qual a importância da EF na sua formação a nível do ensino básico

Se a disciplina de Educação Física fosse opcional

No gráfico apresentado, é clara a vontade dos inquiridos quanto à frequência da disciplina de EF independentemente da sua obrigatoriedade. Num total de 55 alunos, 47 (85%) responderam afirmativamente à escolha da disciplina, como integrante da matriz curricular. Contudo, são 8 (15%) os alunos que se a disciplina fosse de carácter opcional não a frequentariam.

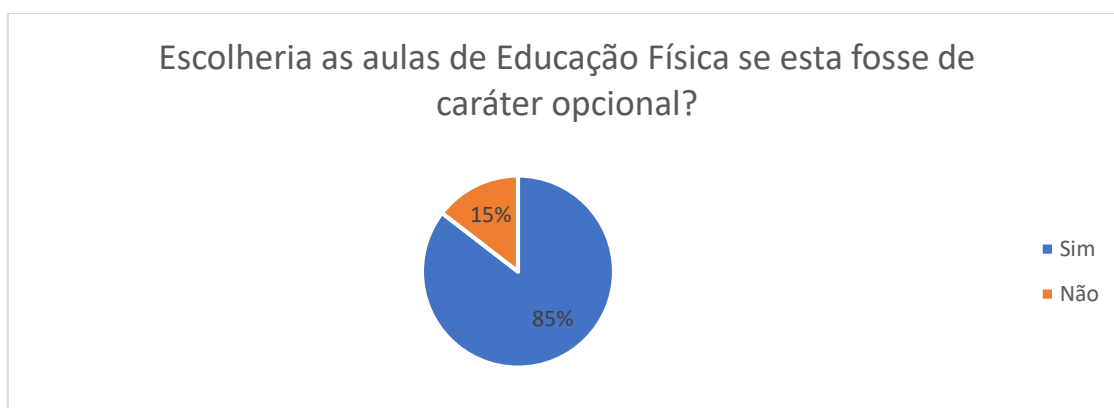


Gráfico 13: Escolheria as aulas de Educação Física se esta fosse de carácter opcional

Importância da Educação Física relativamente às outras disciplinas

Na comparação da importância entre a E.F e as outras disciplinas do currículo, uma boa parte dos respondentes mostram-nos que se situam preferencialmente nos extremos das opções, indicando ora o nível “muito maior” ora o “muito menor”. O ponto intermédio também recolhe um número significativo de alunos, não distinguindo assim a importância da Educação física com a disciplina em questão. A Figura 14 agrega as respostas dos alunos em três níveis (maior; igual ou menor). A importância da Educação Física é considerada menor que as outras disciplinas, com a exceção surpreendente da Matemática.

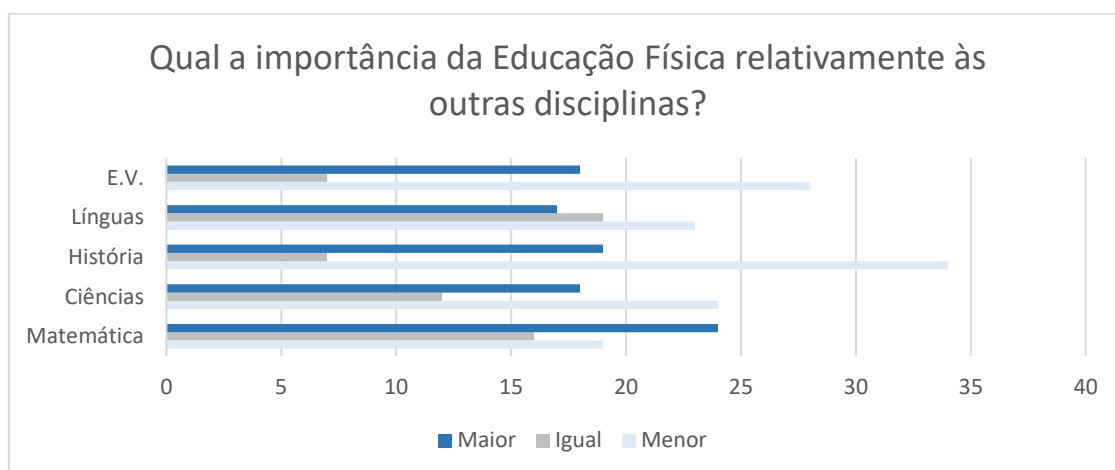


Gráfico 14: Importância da Educação Física relativamente às outras disciplinas

De forma a expor a opinião mais pormenorizada, procedermos a uma leitura individualizada da comparação da Educação Física com as outras disciplinas:

- **Matemática**

São 16 os alunos que atribuem igual importância à disciplina de Matemática e EF. Para 19 alunos é de menor importância a disciplina de EF comparativamente com a disciplina da Matemática, e 24 dos inquiridos atribuem um grau de importância mais elevado à disciplina de EF relativamente à disciplina de Matemática;

- ***Ciências***

Quando se coloca a questão em relação à disciplina de Ciências, as respostas permitem-nos afirmar que 24 dos inquiridos consideram a EF com menos importância, 12 são os alunos que expressam a sua opinião no sentido de que a disciplina de EF é tão importante como a disciplina de Ciência e 18 alunos referem-se à disciplina de EF como sendo mais importante;

- ***História***

Quando se pretende comparar a importância da disciplina de EF com a disciplina de História, 34 alunos consideram menos importante a disciplina de EF, 7 alunos atribuem igual importância e 19 dos inquiridos consideram a disciplina de EF mais importante;

- ***Língua Estrangeira***

Relativamente à disciplina de Língua Estrangeira, 23 alunos consideram esta mais importante, 19 estabelecem igualdade de importância e 17 dão mais importância à disciplina de EF;

- ***Educação Visual***

Se a comparação é feita em relação à disciplina de Educação Visual, 28 alunos consideram esta de maior importância comparativamente com a disciplina de EF, 7 alunos que estabelecem igual importância e 18 afirmam que a disciplina de EF é mais importante do que Educação Visual.

Preferência da Educação Física relativamente às outras disciplinas

Quando a comparação entre a Educação Física e as restantes disciplinas se coloca em termos de preferência, numa primeira leitura, evidenciam-se os resultados obtidos através da opinião dada pelos alunos que não manifestam maior preferência entre as várias disciplinas. Em segundo plano surgem, de forma muito equilibrada, as respostas dos alunos que se manifestam mais

radicais quanto à sua preferência e se dividem entre uma preferência *Muito maior* ou *Muito menor*. Agregando as respostas dos alunos em três níveis de preferência (maior; igual ou menor), a Figura 15 mostra-nos que, na distribuição das preferências pelos alunos inquiridos a Educação Física não se distingue muito das restantes disciplinas, ressalvando a sua vantagem em relação as Línguas e a desvantagem relativamente ao Português.

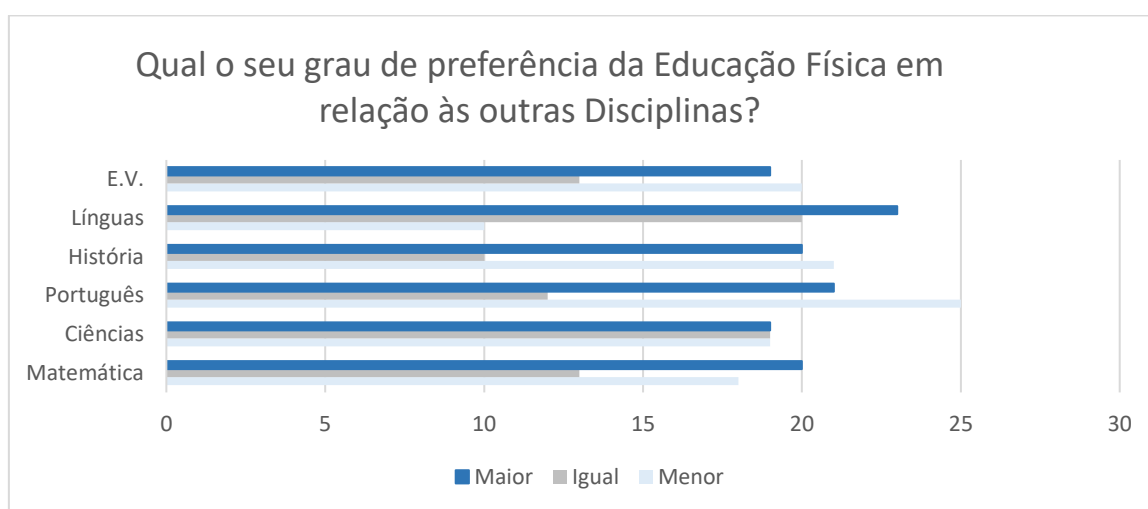


Gráfico 15: Grau de preferência da EF em relação às outras disciplinas

De forma individualizada, os alunos afirmam as suas preferências:

- **Matemática**

Comparativamente com a disciplina de Matemática, 20 alunos responderam que a sua preferência recai na disciplina de EF, 13 não manifestam preferência entre as disciplinas e 18 são os alunos que preferem a disciplina de Matemática comparativamente à disciplina de EF.

- **Ciências**

Quando analisamos as respostas dadas relativamente à disciplina de Ciências, encontramos uma igualdade quanto ao número de respostas dadas, entre as opções apresentadas;

- ***Português***

Relativamente à disciplina de Português, 21 dos alunos responderam que a sua preferência recai na disciplina de EF, 12 manifestam a mesma preferência pelas duas disciplinas e 25 alunos consideram a disciplina de Português a sua preferida;

- ***História***

Reportando a questão para a disciplina de História, as respostas dadas pelos alunos permitem-nos concluir que, 20 alunos responderam que preferem a disciplina de EF, para 10 alunos não existe preferência e para 21 a disciplina de História é a sua preferida;

- ***Língua Estrangeira***

Pela leitura das respostas obtidas para a disciplina de Língua Estrangeira, 23 dos inquiridos afirmam que preferem EF, para 20 alunos as disciplinas têm igual preferência e 10 alunos preferem a Língua Estrangeira;

- ***Educação Visual***

Por último, e quando confrontados com a sua preferência comparativamente com a disciplina de Educação Visual, 19 alunos responderam que a disciplina de EF reúne maior preferência, 13 dizem não estabelecer qualquer preferência e 20 preferem a disciplina de Educação Visual.

Atitudes e valores sociais e pessoais fomentados nas aulas de EF

A leitura do gráfico da Figura 16 e, por valores decrescentes, permite-nos afirmar que, para os alunos que participaram no inquérito, o “Desportivismo e respeito pelas regras e juízes” é o aspeto de maior importância para 36 respondentes. “Trabalho em equipa (saber estar integrado num grupo, respeitar a liderança, cooperar, partilhar)”, foi o segundo item mais nomeado, com 27 respostas dadas.

“Divertimento”, foi a terceira opção mais escolhida pelos alunos com 20 respostas obtidas.

Face às hipóteses apresentadas, e solicitada a sua opinião sobre as de menor importância, os alunos referem o aspeto competitivo das atividades desenvolvida nesta disciplina, a “Competição com os outros” com 33 respostas e a “Competição consigo próprio” com 22 nomeações.

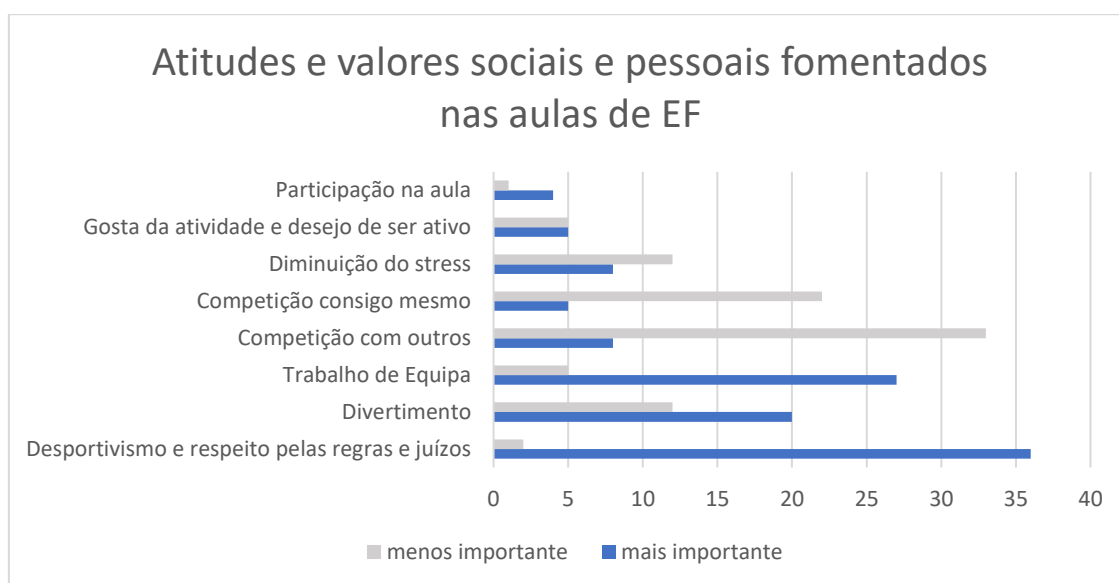


Gráfico 16: Atitudes e valores sociais e pessoais fomentados nas aulas de EF na opinião dos alunos

Importância das diferentes áreas de matéria da Educação Física

Na nomeação das matérias de maior importância nas aulas de Educação Física salienta-se, pela leitura do gráfico da Figura 17, o volume de respostas nos “Desportos coletivos”, com 28 nomeações e os “Exercícios para melhorar a condição física (jogging, exercícios, aeróbica, etc.)”, com 25 nomeações.

Quando os alunos se pronunciam relativamente às matérias que consideram de menor importância, podemos constatar que as opções mais referenciadas foram: “Ginástica e saltos acrobáticos, atividades rítmicas e dança, com 18 respostas e “Desportos individuais (corridas, saltos e lançamentos, badminton, etc.)” com 15 nomeações.

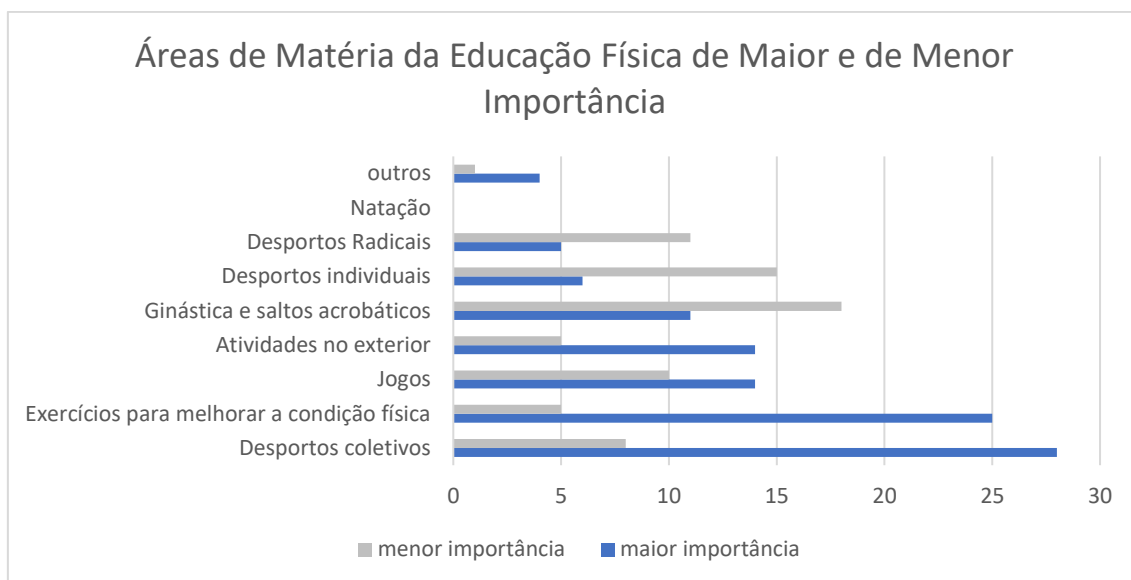


Gráfico 17: Áreas de Matéria da Educação Física de maior e de Menor Importância na opinião dos alunos

Discussão dos Resultados

Na sequência deste estudo, que tem por objetivo analisar as atitudes dos alunos face à disciplina de EF, após uma pesquisa quantitativa em que os resultados foram sujeitos a uma análise estatística descritiva, devemos referir que se trata de um grupo de alunos a frequentar os 5º e 8º anos de escolaridade o que corresponde às idade compreendidas entre os 10 e os 18. Esta composição, quanto aos inquiridos pode comprometer/dispersar os resultados de acordo com os objetivos propostos.

A. Idealmente, penso que a EF deveria:

Quando questionados sobre “Idealmente, penso que a EF deveria”, os resultados encontrados no presente estudo sugerem que a preposição “ensinar-me técnicas de desportos coletivos” (41%) e “ensinar-me a praticar desportos individuais” (36%) foram as opções mais respondidas pelos alunos. Na minha opinião, e pela experiência que tive ao longo do meu EP, os alunos tendem a

preferir as modalidades coletivas, uma vez que lhes permite trabalhar em grupo, fomentado o espírito de equipa. Criam laços de empatia e fortalecem o espírito de amizade com outros colegas. Por vezes transferem para estes momentos vivências em sala de aula podendo dar-lhe continuidade em contextos extraescolares. Os resultados obtidos vão de encontro com importantes estudos realizados por Gonçalves (1998), Brandão (2002), Marmeleiro e Gomes (2007).

Ao longo do ano, pela experiência que tive o resultado obtido na opção “ensinar-me a praticar desportos individuais” os resultados foram surpreendentes. Os alunos, raramente demonstram interesse por modalidades individuais.

Relativamente à Dança, os resultados obtidos apresentam-se como os mais negativos uma vez concentram o número maior de respondentes que manifestam a sua menor preferência. Os dados obtidos não nos permitem concluir grandes resultados uma vez que o universo de inquiridos é reduzido e o estudo não foi dividido por género.

B. De facto, as minhas aulas de EF contribuem para:

Relativamente à questão “De facto, as minhas aulas de EF contribuem para”, os alunos inquiridos, afirmaram que “Ensinar-me a praticar desportos coletivos”, “Melhorar a minha condição Física” e “Ensinar-me técnicas de desportos coletivos” foram as opções que reuniam mais adeptos. Depois de analisar o gráfico em cima, podemos observar que os inquiridos continuam a dar preferência às modalidades coletivas. À semelhança do que se verificou por Brandão (2002) um número significativo de alunos referiram que a EF deveria desenvolver a Condição Física. Contudo, os alunos no decorrer do ano letivo, de acordo com a minha experiência, manifestam pouca adesão quando confrontados com atividades relacionadas com a condição física. Ou seja, os alunos identificam a condição física como um aspeto preponderante no seu desenvolvimento, no entanto demonstram falta de interesse na prática.

C. Aquilo que me agrada nas aulas de Educação Física é o facto de:

Quando questionados relativamente aquilo que lhes agrada nas aulas de EF, os alunos destacaram o facto de as aulas serem divertidas, o processo de avaliação ser justo e ter aulas bem organizadas, como sendo aspetos importantes para eles.

Na planificação das aulas, é fundamental atender ao perfil dos alunos e simultaneamente à contextualização da sua prática desportiva a fim de lhes possibilitar uma integração efetiva nos diferentes contextos sociais. O adequado ajustamento da prática letiva pode proporcionar um sentimento de bem-estar e satisfação.

Se relacionarmos “aulas divertidas” com ludicidade, e se este representa um eixo de grande importância nas crianças/jovens, cabe ao professor de EF um papel principal no processo de ensino-aprendizagem, como estratégia viável para a obtenção de níveis de motivação superiores, de acordo com Santos (2001).

De acordo com estudos relacionados com os aspetos lúdicos inerente à disciplina de EF, diferentes autores referem a associação da “brincadeira” às aulas de EF, porque nelas os alunos se divertem, enquanto noutras disciplinas não existe espaço para a “brincadeira”.

Como sabemos, a sociedade atual esta envolvida cada vez mais nas novas tecnologias subvalorizando as atividades de cariz desportivo, remetendo-se muitas vezes para a escola a possibilidade de combater este défice, através de atividades lúdicas desportivas. Atualmente, a maioria das crianças/jovens não tem tempo para brincar, uma vez que estão absorvidas por ocupações impostas pelos pais além de poucos espaços para a prática de atividade física, e é na escola e nas aulas de EF que tem a possibilidade de desenvolver o gosto pela prática desportiva.

D. Aquilo que me desagrada nas aulas de EF é o facto de:

Depois de analisar os resultados obtidos, podemos, numa leitura global, afirmar que, os alunos se identificam com os pressupostos das aulas de EF, uma vez que a pontuação máxima recai maioritariamente no nível 1 (discordo totalmente) segundo a escala de Likert. A classificação atribuída pelos alunos aos fatores determinantes da desagradabilidade nas aulas de EF, podemos concluir que são poucos os fatores que desagradam aos alunos, o que nos permite determinar o gosto pela disciplina que os mesmos demonstram. Refletindo sobre as reuniões de Conselho de Turma, aquando da avaliação trimestral, recordo que os níveis classificativos mais elevados se registavam na disciplina de EF. Fatores preponderantes como o comportamento, envolvimento e motivação não eram apresentados pelos professores titulares da disciplina, como barreiras ao processo de ensino aprendizagem, contrariamente ao que era relatado pelos professores nas outras disciplinas.

A proposição “eu não ter habilidade para o desporto”, é a que evidencia alguma preocupação quando confrontados com aquilo que “me desagrada nas aulas de EF”, com (15%).

Sabemos que a aprendizagem esta dependente de satisfação ao nível do desempenho. Os alunos que evidenciam uma habilidade insuficiente, muitas vezes, não sentem prazer na prática desportiva, corroborando os estudos realizados por Brandão (2002) Quando as competências apresentam um desenvolvimento deficitário, dificilmente podem progredir numa determinada atividade desportiva, sendo imprescindível nestas situações o reforço positivo. Por isso, é fundamental uma orientação pedagógica, por parte do professor, o mais individualizado possível.

33. Na sua escola, qual a atividade que mais lhe agradou nas aulas de EF?

Depois de analisarmos os resultados obtidos relacionados com a atividade que mais agradou os inquiridos, destaca-se a modalidade de futebol como sendo a atividade preferida dos alunos (34%). A afinidade que os alunos demonstraram

pela atividade é consistente com os estudos de Gonçalves (1998) e Brandão (2002).

Apesar dos estudos realizados por Lee *et al.* (1999) e Tjeerdsma *et al.* (1996), concluírem que a preferência pela modalidade de futebol está associada ao género masculino, no presente estudo, ainda que na amostra o género feminino tenha maior representação, a conclusão é idêntica.

A EC, implementou, fruto do protocolo estabelecido com o Sport Lisboa e Benfica, um programa que promove a prática do futebol, com o objetivo de combater a indisciplina e a falta de assiduidade. Este programa poderá influenciar os dados recolhidos pelo inquerido, uma vez que grandes números de alunos estão incluídos nele. Os dados obtidos, poderão também ser influenciados pelo facto de a minha EC estar inserida num meio social desfavorecido, abrangido pelo programa TEIP.

34. Qual a atividade que mais lhe desagradou nas aulas de Educação Física?

A dança, é um meio de expressão completo e complexo permitindo exprimir sentimentos na necessidade de expandir-se por movimentos e vínculos emocionais. A sua multidisciplinaridade contribui para a saúde corporal, psíquica e social, permitindo ao praticante relacionar-se consigo mesmo e com o exterior.

Contudo, depois de analisar os dados obtidos, concluímos que a atividade é percecionada pelos alunos de forma negativa dado que (33%) consideram esta atividade a que mais os “desagradou”.

Após o EP, e momento vivenciados com as diferentes turmas, apraz-me referir que os alunos, nas aulas em que se desenvolveram conteúdos direcionados para a modalidade de dança, os alunos demonstravam falta de motivação para a realização das tarefas propostas. Poderemos enumerar diferentes fatores promotores deste comportamento, tais como: falta de maturidade, estereótipo social, falta de vivências/experiências, dificuldades nas relações interpessoais e contacto corporal.

Pessoalmente, a dança foi a modalidade que se afigurou para mim mais difícil de lecionar juntos dos meus alunos o que encontra associações com outros autores.

35. Qual a importância da EF na sua formação a nível do ensino básico?

Dado o cariz transversal de que a EF beneficia esta tem a possibilidade de contribuir para a formação de um cidadão responsável, consciente e autónomo.

Também os alunos através das respostas dadas, reconhecem a importância que a disciplina tem na sua formação como parte do processo educativo, uma vez que o “muito importante” obteve 58% das respostas.

36. Escolheria a disciplina de EF se esta fosse de carácter opcional?

Os resultados apontam com uma margem significativa a vontade de os alunos frequentarem a disciplina de EF independentemente da obrigatoriedade ou não da disciplina. A Educação Física é uma disciplina prática, em oposição as matérias académicas denominadas por “teóricas”, que oferece mais liberdade ao aluno e permite-lhe o movimento, sendo também acompanhada por um aspeto lúdico que raramente se encontra na escola (Delfosse *et al.*, 1997; Piéron, 1999). Pela experiência que o EP me proporcionou, posso confirmar que os alunos demonstram prazer e motivação na disciplina.

37. Qual a importância da EF relativamente às seguintes disciplinas?

Analisando os resultados obtidos na questão relacionada com a “importância da EF relativamente às seguintes disciplinas” os alunos, de uma forma geral, consideram as disciplinas de Matemática, Ciências, História, Língua Estrangeira e Educação Visual como sendo mais importantes na sua formação académica comparativamente com a disciplina de EF. Os resultados obtidos, vão de encontro com os autores (Hardman, 2000), (Tannehill *et al.*, 1994) e (Lee *et al.*, 1999) quando se debruçaram sobre a perceção dos líderes da educação, encarregados de educação e os alunos.

Esta questão, leva-nos a refletir sabendo que “A transversalidade assenta no pressuposto de que cada área curricular contribui para o desenvolvimento de todas as áreas de competências consideradas no *Perfil dos Alunos*, não havendo lugar a uma indexação estrita de cada uma delas a componentes e áreas curriculares específicas”

38.Qual o seu grau de preferência da EF relativamente às outras disciplinas?

Quando questionados relativamente ao “grau de preferência da EF relativamente às outras disciplinas”, os alunos foram consensuais nas suas preferências, destacando a disciplina de EF comparativamente às restantes como sendo mais preferida, corroborando desta forma os resultados obtidos por Brandão (2002), ao afirmar “Assim, um número importante de alunos refere preferir EF escolar relativamente às outras disciplinas”. No entanto, de todas as disciplinas mencionadas no questionário é necessário referir que o número de respostas obtidas pela disciplina de Português remete-nos para a preferência que os alunos lhe dão.

Os dados obtidos nesta questão, relativamente à disciplina de Português poderão ser o reflexo do seu cariz de transversalidade a todas as outras disciplinas que implicam a leitura e a escrita e o facto de esta ser uma das disciplinas com prova final de ciclo, que pode ser determinante numa retenção.

39.Coloque um (X) nas DUAS hipóteses que considera mais importantes e um (O) nas DUAS afirmações que lhe parecem ter menos importância para a sua formação.

Quando confrontados com os aspetos relacionados com as atitudes, valores e desenvolvimento pessoal fomentados nas aulas de EF, os inquiridos destacaram com maior importância as preposições “desportivismo e respeito pelas regras e juízes” e o “trabalho de equipa”, também Brandão (2002) concluiu que para o seu universo de inquiridos, “... o trabalho de equipa se afigurou como a finalidade afetiva mais enfatizada pelos alunos”. Transpondo esta opinião para o decorrer

das aulas por mim lecionadas, na minha opinião, os alunos manifestam maior envolvimento e motivação para o trabalho desenvolvido em grupo, que contribuí para a integração, o respeito, a liderança, a cooperação e a partilha entre elementos. O desporto ajuda na interação entre os alunos e permite que conheçam e respeitem as diferenças e aprendam a importância do trabalho em equipa.

A competição (contra outros e consigo próprio), foram as proposições que os alunos consideraram menos importante para a sua formação, neste sentido, encontramos paralelismo com os resultados obtidos no estudo realizado por Brandão (2002) ao referir que, “ ... os alunos percebem a competição com os outros e consigo próprio como finalidades afetivas menos importantes ...”.

40. Coloque um (X) nas DUAS afirmações que considera mais importante e um (O) nas DUAS afirmações menos importantes.

Quando confrontados com as preposições disponíveis para eleger a importância da EF no desenvolvimento de técnicas e atividades, os alunos destacam os “desportos coletivos” o que vai de encontro com as respostas obtidas na questão **“B. De facto, as minhas aulas de EF contribuem para:”**, perspectiva que encontra suporte na investigação realizada por Brandão (2002) ao referir que “ ... os alunos apreciam de forma evidente os Desportos Coletivos”. Em segundo plano, surge os “exercícios para melhorar a condição física”, aspeto mais realçado pelos resultados obtidos no estudo realizado por Brandão (2002). A referida autora desta ainda que a atitude positiva dos alunos face à condição física fica-se a dever não ao gosto pelo conteúdo, mas sim à perceção da sua importância e na sua relação com estilos de vida ativos promotores de saúde.

Como aspetos menos importantes, os alunos destacaram a prática desportiva de modalidades individuais. Nesta faixa etária, é dada muita importância à convivência social, a criação de relações interpessoais e o espírito de equipa.

Conclusões do estudo

O estudo realizado permite-nos retirar algumas opiniões válidas, contribuindo para uma conclusão clarificadora da problemática em análise.

De uma forma geral, os resultados confirmam que a disciplina de Educação Física é reconhecidamente importante na matriz curricular dos alunos, sendo-lhe atribuído valor ao seu cariz transversal;

As aulas de Educação Física, também são referidas pelos alunos como espaços e tempos promotores do desenvolvimento de valores de cidadania;

Constatou-se pelos resultados obtidos que os alunos manifestam apreço pela disciplina, reforçando o “papel” da empatia estabelecida com o professor, da organização da aula e da avaliação/classificação atribuída;

Em contrapartida os alunos são sensíveis à desorganização no decorrer da aula e identificam este aspeto como negativo;

Quando proposta a perspetiva de comparação ao nível da importância entre as diferentes disciplinas que frequentam, os alunos dividem-se entre os que defendem a equidade e outros que referem inferioridade, relativamente à disciplina de Educação Física;

As modalidades coletivas reúnem o maior número de adeptos, sendo o Futebol a preferida. Contrariamente as modalidades de Dança e Ginástica, são as menos apreciadas;

Por último, com os resultados obtidos nas respostas finais do inquérito e de encontro às metas e objetivos previstos de acordo com as orientações do Ministério da Educação, surge o desportivismo e respeito pelas regras e juízes, como aspeto relevante da prática desportiva, em contexto escolar. O treino de competências sociais, nomeadamente, os valores, atitudes e comportamentos,

é considerado pelos alunos como competências sociais passíveis de serem “treinadas” nesta disciplina.

À semelhança do ponto anterior, o trabalho de equipa, é outro dos aspetos que a disciplina em questão proporciona e vai ao encontro das expectativas dos alunos. Esta dinâmica/metodologia de trabalho, permite aos jovens a construção coletiva de conhecimentos, que possibilita a troca de experiências entre pares e o contacto com a individualidade. Além disso desenvolve a capacidade de ouvir e respeitar opiniões diferentes permitindo que se unam para alcançar um objetivo comum - vencer

CONCLUSÃO E PERSPETIVAS FUTURAS

Ser professor é ser agente de mudança. “Mudanças” foi o que eu senti ao longo destes dois anos de formação. O aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos, a viver com os outros, e o aprender a ser foram os pilares da construção da minha identidade profissional.

Primeiro, tenho que me referir à mudança individual enquanto pessoa que me fez crescer como homem, como colega, como aprendiz e como professor. Uma mudança do interior para o exterior, uma adaptação crescente ao contexto e aos diferentes parceiros com quem me relacionei.

No início deste período da minha vida e mais concretamente neste ano letivo, tive grandes momentos de reflexão. Repensei a minha decisão, duvidei das minhas competências, questionei o meu percurso de vida e reformulei muitas vezes as minhas atitudes e comportamentos. Isto será ser professor...

Fiz experiências muito enriquecedoras ao lecionar nos 1º, 2º e 3º ciclos. Este facto permitiu-me conhecer realidades distintas, acompanhar jovens em diferentes faixas etárias e perceber a disciplina de Educação Física como parte integrante da matriz curricular dos diferentes ciclos. Esta “dinâmica” obrigou-me a ser ator criativo, contador de histórias, compreensível e responsável. Isto será ser professor...

Para além da atividade letiva, participei nas reuniões de departamento, de grupo disciplinar, de núcleo de estágio e nos conselhos de turma. Participei em visitas de estudo, festas de conclusão de período, festa de finalistas, nos torneios desportivos e lanches-convívio. Isto será ser professor...

Futebol... foi a modalidade que dentro e fora do pavilhão mais adeptos empenhados e entusiastas reuniu. Então, se é este o desporto mais apreciado e motivador, resolvi organizar um projeto, que pudesse capacitar os alunos para a prática desportiva com “Arbitragem no bairro”. Contactei a Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol (APAF), na figura do seu dirigente e inteirei-me da possibilidade de avançar com este projeto. Depois, e após a elaboração

do mesmo, autorização e colaboração da direção da escola e da professora cooperante, a atividade realizou-se. Isto será ser professor....

O futuro próximo prevê-se como continuidade da formação que realizei. Acrescento toda a formação e informação que continuarei a fazer no sentido de acompanhar o paradigma da Escola Inclusiva e de saber responder ao desafio, quando me apresentar numa escola e efetivamente ser professor. E depois sim, com as aprendizagens que realizei, os conhecimentos que adquiri e os sonhos que amento, serei com certeza um bom professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAKER, ET AL (2001) “Marketing Research” (7th Ed.), New York: John Wiley & Sons, Inc

Batista, P., & Queirós, P. (2013). *O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional. In P.Batista, P . Queirós & R.Rolim (Eds), Olhares sobre o estágio profissional em Educação Física (pp. 31-52).* Porto: Editora FADEUP.

Bento, J. O. (1995). *O outro lado do desporto: Vivências e reflexões pedagógicas.* Porto: Campo das Letras.

Bento, J.O (1997). O Desporto Como Elemento de Renovação da Escola à Luz da Problemática da Integração. In M. Patrício, (Ed), *Formar professores Para a Escola Cultural no Horizonte Dos Anos 2000*, III Congresso da AEPEC (pp.193-202). Porto: Porto Editora.

Bento, J.O. (1998). *Planeamento e avaliação em educação física (2ª ed.).* Lisboa: Livros Horizonte.

Bento, J.O. (2003). *Planeamento e avaliação em educação física (3ªed.).* Lisboa: Livros Horizonte.

Brandão, D. (2002). Expectativas e Importância atribuída à Disciplina de Educação Física – Estudo comparativo por género dos alunos do 12º ano de escolaridade nas escolas Secundárias do Conselho de Vila Nova de Gaia. *Dissertação de Mestrado*, Porto: Faculdade de Ciências do Deporto e de Educação Física – Universidade do Porto.

Bruyne, P. (1991). *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica.* Francisco Alves Editora. Rio de Janeiro

Direção Geral de Educação (2017). *O perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória.* Publicações Ministério da Educação

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação: O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Ferreira, C. (2013). *O testemunho de uma professora-estagiária para um professor-estagiário: Um olhar sobre o estágio profissional*. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o estágio profissional em Educação Física* (pp. 107-146). Porto: Editora FADEUP.

Fonseca, J. J. S (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Apostila. Fortaleza.

García, C. M. (1999). *Formação de Professores: Para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora

Gonçalves, F., Albuquerque, A., & Aranha, Á. (2010). *Avaliação um caminho para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem*. Maia: Edições ISMAI-Centro de Publicações do Instituto Superior da Maia.

Gonçalves, C. (1998). *Relações entre as características e crenças dos alunos e os seus comportamentos nas aulas de Educação Física*. Dissertação Apresentada às Provas de Doutoramento. Universidade Técnica de Lisboa. FMH. Lisboa

Graça, A. (2001). Breve roteiro da investigação empírica da pedagogia do desporto: A investigação sobre o ensino da Educação Física. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1(1), 104-113

Graça, A., & Mesquita, I. (2006). Ensino do Desporto. In G. Tani, J. O. Bento & R. D. d. S. Petersen (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 207-218). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Hardman, K. (2000). Ameaças à Educação Física! Ameaças ao Desporto para todos? *Boletim SPEF*, 19/20, 11-35.

Januário, C. (1996). *Do pensamento do professor à sala de aula*. Coimbra: Livraria Almedina.

Lee, A.; Fredenburg, K.; Belcher, D.; Cleveland, N. (1999). Gender Differences in Children's Competence and Motivation in Physical Education. *Sport, Educ. and Society*, 4 (2), 161-174.

Lee, H-J.; Kang, S-J.; Hume, D. (1999). Students' Attitudes Toward Physical Education in a Junior High School. *Res. Quart, for Exerc. and Sport*, A-94, March, Supplement

Marmeleiro, J. e Gomes, G. (2007). A Disciplina de Educação Física no Ensino Secundário - A perspetiva dos alunos do Sudoeste Alentejano, *Revista Horizonte*, Vol. XXI, 126, pp. 36-41

Mesquita, I. (2005). A pedagogia do treino: A formação em jogos desportivos colectivos (3ªed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Mesquita, I., & Graça, A. (2009). *Modelos Instrucionais no ensino do desporto*. In A.Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp.39-68). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana

Mesquita, I., & Graça, A. (2011). *Modelos instrucionais no ensino do Desporto*. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp.39-68). Lisboa: Edições FMH

Metzler, M. W. (2011). *Instructional models of physical education (3ª ed.)*. Scottsdale: Holcomb Hathaway Publishers.

Nóvoa, A. (1995). Os professores e sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Oliveira, I., Serrazina, L. (2002). A reflexão e o professor como investigador. In GTI (Ed.), *Reflectir e Investigar sobre a prática profissional* (pp. 29-42). Lisboa: APM.

Oliveira, M. T. M. (2002). *A indisciplina em aulas de Educação Física estudo das crianças e procedimentos dos professores relativamente aos comportamentos*

de indisciplina dos alunos nas aulas de educação física do 2º e 3º ciclos de ensino básico. Viseu: Instituto Superior Politécnico de Viseu.

Piéron M (1999). *Para una enseñanza eficaz de las actividades físico-deportivas*. Barcelona: INDE.

Piéron M, Delfosse C, Ledent M, Cloes M (1997). *Attitude des élèves face à l'école et au cours d'éducation physique, âge et retard scolaire*. *Revue de l'Education Physique* , 37, 1 , 31 -41.

Pimenta, S. G. (2005). *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* São Paulo: Cortez

Ribeiro, A. C., & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Rink, J. E. (2014). *Teaching physical education for learning (7th ed.)*. New York: McGraw Hill.

Rosado, A., & Ferreira, V. (2011). *Promoção de ambientes positivos de aprendizagem*. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do desporto* (pp.185-206). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Rosado, A., & Mesquita, I. (2009). *Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução*. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do desporto* (pp.69-122). Lisboa: FMH

Rosado, A., & Mesquita, I. (2011). *Melhorar a aprendizagem e otimizando a instrução*. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do desporto* (pp.69-130). Lisboa: Edições FMH.

Rosado, A., Dias, L., & Silva, C. (2002). *Avaliação das aprendizagens em Educação Física e Desporto*. In A. Rosado & C. Colaço (Eds.), *Avaliação das aprendizagens: fundamentos e aplicações no domínio das actividades físicas*. Lisboa: Omniserviços.

Santos, Á.A. d., Bessa, A. R., Pereira, D. S., Mineiro, J. P., Dinis, L. L., & Silveira, T. (2009). *Escolas de futuro: 130 boas práticas de escolas portuguesas*. Porto: Porto Editora.

Santos, S. M . P . A ludicidade como ciência. Petrópolis : Vozes, 2001

Sarmiento, P. (2004). *Pedagogia do desporto e observação*. Cruz Quebrada: FMH

Siedentop, D., & Tannehill, D. (2000). *Developing teaching skills in physical education*. Mayfield Publishing Company.

Siedentop, D. (1991). *Developing Teaching skills in Physical Education (3 ed.)*. Mountain View: Mayfield Publishing Company.

Tannehill, D.; Romar, J.; O'Sullivan, M.; England, K. ; Rosenberg, D. (1994). Attitudes Toward Physical Education: Their Impact on How Physical Education Teachers Make Sense Of Their Work. *J. of Teach. Phys. Education* 13, 406-420.

Tjeerdsma, B.; Rink, J.; Graham K. (1996). Student Perceptions, Values, and Beliefs Prior to, During, and After Badminton instruction, *J of Teach. Phys. Education*, 15, 464-476.

Vickers, J. (1990). *Instructional design for teaching physical activities. A knowledge structures approach*. Champaign: Human Kinetics.

ANEXOS

ANEXO 1 - INQUÉRITO



I

ATITUDE S DO S ALUNO S FACE À DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

No questionário que se segue, Educação Física (EF), refere-se a uma disciplina que faz parte integrante do currículo escolar do aluno, no âmbito da componente de formação geral. Esta disciplina não deve ser confundida com as atividades físicas praticadas no âmbito extracurricular ou com as atividades desenvolvidas no Desporto Escolar.

DADO S PESSOAL S

Sexo: Masculino

Feminino:

Nível de Escolaridade:

Idade:

Pertence a alguma equipa de Desporto Escolar? Sim: Não:

Desportos que pratica ou praticou (pelo menos durante um ano):

Nos quatro itens seguintes, assinale com um círculo o algarismo que representa a afirmação que melhor se adequa ao seu caso:

A. Idealmente, penso que a EF deveria:

1. melhorar a minha condição física- 1 2 3 4 5
2. ensinar-me técnicas de desportos coletivos- 1 2 3 4 5
3. ensinar-me a praticar desportos coletivos- 1 2 3 4 5
4. ensinar-me técnicas de desportos individuais- 1 2 3 4 5
5. ensinar-me a praticar desportos individuais- 1 2 3 4 5
6. ensinar-me técnicas de dança- 1 2 3 4 5
7. ensinar-me jogos recreativos- 1 2 3 4 5
8. outras hipóteses. Quais? _____ 1 2 3 4 5

B. De facto, as minhas aulas de EF contribuem para:

9. melhorar a minha condição física- 1 2 3 4 5
10. ensinar-me técnicas de desportos coletivos- 1 2 3 4 5
11. ensinar-me a praticar desportos coletivos- 1 2 3 4 5
12. ensinar-me técnicas de desportos individuais- 1 2 3 4 5
13. ensinar-me a praticar desportos individuais- 1 2 3 4 5
14. ensinar-me técnicas de dança- 1 2 3 4 5
15. ensinar-me jogos recreativos- 1 2 3 4 5
16. outras hipóteses. Quais? _____ 1 2 3 4 5

C. Aquilo que me agrada nas aulas de EF é o facto de:

17. serem aulas mistas- 1 2 3 4 5
18. terem atividades diversificadas- 1 2 3 4 5
19. proporcionarem-me momentos de pausa-1 2 3 4 5
20. serem aulas divertidas-1 2 3 4 5
21. eu gostar do professor- 1 2 3 4 5
22. eu ter êxito nas atividades- 1 2 3 4 5
23. eu ter aulas bem organizadas-1 2 3 4 5
24. o processo de avaliação ser justo- 1 2 3 4 5

D. Aquilo que me desagradava nas aulas de EF é o facto de:

25. o processo de avaliação ser injusto-1 2 3 4 5
26. não me sentir motivado-1 2 3 4 5
27. eu não ter habilidade para o desporto- 1 2 3 4 5
28. eu não gostar do professor-1 2 3 4 5
29. eu não gostar de me equipar-1 2 3 4 5
30. eu ser obrigado a tomar banho-1 2 3 4 5
31. o tempo que as aulas ser muito escasso- 1 2 3 4 5
32. as aulas serem desorganizadas-1 2 3 4 5

33. Na sua escola, qual a atividade que mais lhe agradou nas aulas de EF?

34. Qual a atividade que mais lhe desagradou nas suas aulas de EF?

35. Qual a importância da EF na sua formação a nível do ensino básico?

___ Muito importante:

___ Importante:

___ Algo importante:

___ Pouco importante:

___ Sem qualquer importância:

36. Escolheria a disciplina de EF se esta fosse de carácter opcional?

Sim: ____

Não: ____

37. Qual a importância da EF relativamente às seguintes disciplinas?

Matemática- 1 2 3 4 5

Ciências- 1 2 3 4 5

História- 1 2 3 4 5

Língua Estrangeira- 1 2 3 4 5

Educação Visual- 1 2 3 4 5

Outra. Qual? _____ - 1 2 3 4 5

No item que se segue, assinale com um círculo o algarismo que representa a afirmação que melhor se adequa ao seu caso:

1- Muito menor 2-menor 3-igual 4-maior 5-muito maior.

38. Qual o seu grau de preferência da EF relativamente às outras disciplinas?

Matemática-1 2 3 4 5

Ciências- 1 2 3 4 5

Português-1 2 3 4 5

História-1 2 3 4 5

Língua Estrangeira-1 2 3 4 5

Educação Visual-1 2 3 4 5

Outra. Qual? _____ 1 2 3 4 5

39. Atitudes, valores e desenvolvimento pessoal são fomentados nas aulas de EF.

Coloque um (X) nas **DUA 8** hipóteses que considera mais importantes e um (O) nas **DUA 8** afirmações que lhe parecem ter menos importância para a sua formação.

_____ a. desportivismo e respeito pelas regras e juízes.

_____ b. divertimento

_____ c. trabalho de equipa (saber estar integrado num grupo, respeitar a liderança, cooperar, partilhar)



- _____ d. competição (contra outros)
- _____ e. competição (consigo próprio)
- _____ f. diminuição do stress (escape)
- _____ g. gostar da atividade e desejo de ser ativo
- _____ h. participação na aula
- _____ i. outras possibilidades. Quais? _____

40. São ensinadas em EF, algumas técnicas e atividades. Quais são para si, as de maior e menos importância.

Coloque um (X) nas **DUA** afirmações que considera mais importantes e um (O) nas **DUA** afirmações menos importantes.

- _____ a. exercícios para melhorar a condição física (jogging, exercícios, aeróbica, etc.)
- _____ b. jogos (jogos de cooperação ou recreativos)
- _____ c. desportos coletivos (basquetebol, voleibol, hóquei, futebol, etc.)
- _____ d. desportos individuais (corridas, saltos e lançamentos, badminton, etc.)
- _____ e. ginástica e saltos acrobáticos f. ritmo e dança (popular, moderna, contemporânea, etc.)
- _____ g. natação
- _____ h. atividades no exterior (passeios, ciclismo, corridas de orientação, etc.)
- _____ i. desportos radicais (montanhismo/ alpinismo, rafting, esqui, escalada, skate, etc.)
- _____ j. outras. Quais? _____

ANEXO 2- PLANEAMENTO ANUAL DA TURMA

1º Período				
Semanas	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
	15 – 16 19 – 23 26 – 30	03 – 07 10 – 14 17 – 21 24 – 28	31 – 04 07 – 11 14 – 18 21 – 25 28 – 03	05 – 09 12 – 16

1º Período	2ºCEB		3ºCEB
	5ºano	6ºano	
	Aptidão Física (4)	Aptidão Física (4)	Aptidão Física (3)
	Atletismo (12)	Atletismo (12)	Basquetebol (12)
	Badminton (11)	Badminton (11)	Atletismo (12)
	Jogos (12)	Basquetebol (12)	Rugby (12)
Nº total de aulas: 39			

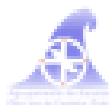
2º Período				
Semanas	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril
	03 – 08 09 – 13 16 – 20 23 – 27	30 – 03 06 – 10 13 – 17 20 – 24	02 – 03 06 – 10 13 – 17 20 – 24 27 – 31	03 – 04

2º Período	2ºCEB		3ºCEB		
	5º ano	6º ano	7ºano	8ºano	9ºano
	Futebol (12)	Futebol (12)	Andebol (10)	Futebol (10)	Futebol (12)
	Dança (09)	Dança (09)	Ginástica (13)	Ginástica (13)	Dança (09)
	Ginástica (12)	Ginástica (12)	Badminton (10)	Badminton (10)	Ginástica (12)
	Natação (9)	Natação (9)	Natação (9)	Natação (9)	Natação (9)
Nº total de aulas: 39					

3º Período			
Semanas	Abril	Mai	Junho
	19 – 21 24 – 28	02 – 05 08 – 12 15 – 19 22 – 26 29 – 02	05 – 06 (9ª) 05 – 09 12 – 16

3º Período	2ºCEB		3ºCEB		
	5º ano	6ºano	7ºano	8ºano	9ºano
	Voleibol (09)	Voleibol (09)	Voleibol (11)	Andebol (11)	Voleibol (10)
	Luta (09)	Luta (09)	Dança (08)	Dança (08)	Dança (06)
	Natação (6)	Natação (6)	Natação (6)	Natação (6)	Natação (6)
	Aptidão Física (3)	Aptidão Física (3)	Aptidão Física (2)	Aptidão Física (2)	Aptidão Física (2)
Nº total de aulas: 24 (9ª) + 27 (5ª, 6ª, 7ª, 8ª)					

ANEXO 3- PLANO DE AULA



EDUCAÇÃO FÍSICA

Escola E.B. 2.3 Pêro Vaz de Caminha, Ano Letivo 2017/2018

PLANO DE AULA

Docente:	Data / Hora:	Local:	Espaço:
Unidade Didática:	Aula nº:	Nº de Alunos:	Duração:
	Secção nº:	Função Didática:	Tempo UBI:
Ano / Turma:	Material:		

OBJETIVOS DA AULA

Habilidades Motoras
 Conceitos Psico-sociais
 Aptidão Física
 Cultura Desportiva



Parte da aula		Situações de Aprendizagem	Objetivos comportamentais	Componentes críticas	Organização Aulas / Professor
INICIAL					
FUNDAMENTAL					
FINAL					

ANEXO 4- CARTAZ DESPORTO ESCOLAR



